

# ESSENCIALISMO

Ensaio essencialista - 02

30/12/2008

Régis Alain Barbier

## DO ESTADO-DE-SER

### Metafísica essencialista

*Por emanar de um sujeito pensante, a busca tende à unidade, apesar do que se pode dizer a respeito; divisões não ocorrem a não ser como metáforas.*

## SUMÁRIO

### I - DO ESTADO-DE-SER - Metafísica Essencialista

Observação

Introdução: do numinoso “in natura”

Dos meios-tons da metafísica medieval

Da metafísica firmada na inefabilidade do estado-de-ser

Do absoluto e do absurdo

Do fundamento imediato da unicidade e verdade

Da seidade

Da verdade e bondade

Da simplicidade

Exemplificação estética da teoria do ser simples

Da identidade original

### II - ANEXO

#### OBSERVAÇÃO

Vivendo num estado, em circunstâncias, inicio o diálogo a partir de um livro comumente encontrado em contexto, nas prateleiras das livrarias, nos programas escolares, recomendado nos cursos de filosofia: “*Molinaro, Aniceto; Metafísica - Curso Sistemático – São Paulo: Paulus, 2ª edição, 2004*”. Todos os fios adentram a intimidade

## Manifesto essencialista - 02

da trama - como diziam os arautos da escolástica, “todos os caminhos levam a Roma” – e de Roma a Atenas e de Atenas a Mileto onde jamais se atravessa um rio duas vezes.

### INTRODUÇÃO: DO NUMINOSO “IN NATURA”

Vigemos como estado-de-ser, presentes no fundamento de todos os aspetos e noções; abraçando inclusive o conceito de absoluto, e aquele a que se refere. Vigoramos, presentes igualmente, nas noções evocadas pelo signo ‘a.b.s.o.l.u.t.o’ e no *designatum* referente: o absoluto enraíza tanto na inefabilidade cósmica quanto nas qualidades cognitivas da razão reflexiva, numa cumplicidade unitária. A realidade substancial e essencial dessa cumplicidade é uma unidade incoativa, gerundial, onde o ato é o ser e o ser é o ato, num enlace cerrando densidão até reunir *inefabilidade* e *qualidade*: uma inefabilidade existencial profunda, despolarizada em ausência radical de consciência e sensações, negrume, de onde, no rebote, extático, nasce Afrodite ou Ísis, canta o galo, clareia o sol, manifesta-se o perfume do jasmim... A intelecção plena do estado-de-ser transcende as competências e disputas, os psicologismos lógicos do intelecto racional e sensível, para cingir essa razão existencial profunda e qualificada, ou, simplesmente, *razão filosófica*, luz natural mais clara e intensa da razão, joia no tabernáculo do essencialismo, fenômeno criativo procedente da natureza e do conhecimento, irradiando de novo e sempre a perspectiva fundadora cosmo-existencial.

Ser *H. sapiens* no grau mais típico e nítido, universal, é exercitar uma vocação específica e, embasada nessa *razão qualificada*, deliberar escolhas existenciais, cognitivas e comportamentais. Esse dom cognitivo é filosoficamente mais radical, prevalece qualitativamente, em relação ao exercício do *enfoque funcional subjetivo*, onde eu, x ou y, escolho posicionamentos objetivos (deslocando peças num tabuleiro, juntando haveres, computando razões ou estabelecendo preferências). A *subjetividade*, como uma base ou fundação existencial, evolui lentamente, consolidando-se nas interações e trocas buriladas na formação autopoietica. Por outro lado, a *razão filosófica* quando se realiza, emerge como um clarão, desabrocha como um botão de rosa, na aptidão de contemplar o estado-de-ser num foco intenso e difuso, cuja profundidade e fineza abarcam todas as escalas, todos os azimutes; trata-se de um potencial de realização crítica, progressivamente ativado por intermédio da perceptividade natural, exercitada e desenvolvida, meditada, com vontade e determinação, em âmbitos interativos [comunitários e ambientais] estimados com empatia.

A compreensão adequada do que vem a ser a inteligência típica e taxológica do *H. sapiens* - denominada *luz da razão natural* pelos antigos - é determinante para, genuinamente, se entender a *ética*, suas raízes, modos e maneiras. Vivenciar e exercitar essa *natureza filosófica*, é estar ciente e no lugar [ethos] de ser humano, assentado no cerne e fundamento da estética e da ética. O foco, ou a luz, espontânea da razão é uma interatividade natural, ponderada e equidistante de todas as funções cognitivas dadas a

## Manifesto essencialista - 02

ser [racionalidade, sensibilidade, memória, imaginação, intuição], em prol de um conhecer sentido, compartilhado e comprovado na comunhão universal de uma escala de valores, única e verídica, cuja referência de nível, o ponto zero, mana dessa reunião do ser, do estado e do ato, onde se vivencia, enlevado e absorto, a *qualidade da inefabilidade* (a experiência da inefabilidade da *qualia*<sup>1</sup>), lugar onde, no parecer do poeta: “*Ascendo, arroubo-me às imensidades, / Onde estruge a aleluia das esferas...*” (Raimundo Correia, Poesias, p. 199). A escala universal de valores é plenamente instalada, o seu leque amplamente aberto, operacional, na dependência funcional de três coordenadas: 1) uma apreciação positiva, operante e esperançosa da experiência existencial, exercitada numa constância e firmeza de julgamento similar a uma serenidade estoica; 2) somada a uma busca intensa disposta a conhecer os confins, escalar os picos e visitar os abismos do estado-de-ser onde está fincado o marco zero, ou, a referência de nível; 3) exercitando e afirmando um destino indômito, seguindo o caminho da autenticidade. Portanto, esplandece um conhecimento centrado, associado, discriminador e sensível: atentando bem, desde o início, *ética* é igualmente *estética*, por ser ciente, harmoniosa, sensível, intuitiva e observadora. No cerne da busca filosófica (a sua fase decisória, contemplativa e meditativa), o silêncio e a grandiosidade experienciados, sentindo o pulsar íntimo da vida, manifestam a objetividade suprema, plena e imediata, transbordante de verdade óbvia e indiscutível: é o campo existencial e cognitivo universal, bruto e selvagem, berço sempiterno, histórico - ontológico, filogenético e ontogenético - da filosofia. Trata-se de uma entrada no conhecimento, que, como um triunfo, liberta dos laços e apegos circunstanciais menores, mas cinge o estado-de-ser na imensa circunstância: o círculo criativo do fogo cósmico. Uma realidade basilar confluyente, mais bem denotada no silêncio, no canto do ser poético, na ambiguidade das metáforas e dos mitos, nas histórias fabulosas que incluem e integram o estado-de-ser (em-si), em todos os graus, inteligíveis e sensoriais.

A linguagem mais primeva e exata é a estética, a poesia mítica, superando e reunindo essa “coisa-em-si”, de Kant. “Coisa-em-si” resultante da confirmação ilógica de uma separação ilusória e mistificante do ente e do ser, seguida do rebote retrocessivo da consciência no plano das trocas, dos intercâmbios egoicos, onde a fé (ou ignorância), a esperança, junto com a sisudez sóbria da caridade imperam, categóricas, congelando o iluminismo, sustentando o estado-de-ser alinhado ao prisma escuro e infernal do medievo – *credo quia absurdum*. A “subjetividade”<sup>2</sup> quando elevada à postura e ponto de vista filosófico, sem ser coroada do prêmio da visão clara atinente à razão qualificada - herança evolutiva do H. sapiens, unidade visitada e cantada na alvorada da civilização,

---

<sup>1</sup> “Qualia” expressão cunhada no discurso contemporâneo sobre a natureza da consciência, onde *qualia* aprece como antítese complementar de *quantia*, esta representando inferências e valores aptos a serem logicamente apreciados, quantificados e calculados (como a espectrografia de uma tintura de jasmim), enquanto *qualia* aponta valores essencialmente estéticos, apreciáveis

<sup>2</sup> “Subjetividade” como pragmatismo consciencial corriqueiro, autocentrado, e oriundo, progressivamente, do mercado de trocas da evolução e formação autopoiética.

## Manifesto essencialista - 02

e, hoje perdida, desunida e sem rumo - permanece desprovida do potencial necessário à realização da perspectiva cosmo-existencial, não superando a perspectiva transcendente/transcendental ancorada na ruptura mítica da unidade metafísica. Não se pode apreciar e conhecer a perspectiva cosmo-existencial a partir de um ato cognitivo excêntrico, dissociado e marginal em relação à experiência plena e qualificada da razão natural.

As perspectivas filosóficas, tanto cosmo-existencial (CE) quanto transcendente-transcendental (TT), enraízam em fenômenos naturais e culturais, estes construídos em definições metafísicas - e mitos correspondentes - galgados no entendimento do estado-de-ser. Enquanto a perspectiva CE resulta do amadurecimento da consciência numa gnosiologia apta a contemplar, apreciar e cultivar o mais sensato<sup>3</sup> com serenidade e tranquilidade, a perspectiva TT resulta de interações ideológicas, advindas nos enlaces da destruição do ânimo comunitário, subsequentes a movimentos de conquista empreendidos por elementos ainda aquém do epíteto “sapiens”. A elevação da subjetividade à categoria de *postura cognitiva filosófica padrão* configura ser uma imensa redução quando comparada à postura cognitiva aberta e realizada em correspondência harmônica com a *razão filosófica qualificada*. A quase totalidade da busca filosófica latinizada, dos precursores do medievo até a atualidade, com exclusão dos movimentos desconstrucionistas de vanguarda, enclausura uma nítida redução, minuendo e turvando os potenciais abertos e apontados pelos jônicos e filósofos gregos até Sócrates inclusive, sendo Aristóteles, com o seu profundo e intuitivo conceito de “hilemorfismo”, numa posição intermediária, fronteira, e Platão, distanciado da influência socrática, nitidamente pré-instalado no desvão vicariante. Os teologismos ditos ‘filosóficos’, tomismo e neotomismo, o subjetivismo amadurecido em Kant e o neokantismo, o positivismo e neopositivismo, são, na sua totalidade, ideologias redutoras em relação aos potenciais descortinados pelos antigos. Essas buscas iniciadas no medievo, denotam movimentos inscritos em formas conscienciais preconceituosas, condicionadas nos artifícios do poder político e uso pragmático dos esquemas econômicos e acadêmicos socioculturais; ideologias protegidas na sombra dos castelos e academias estatais, vigiadas e escudadas na sombra de retorismos repressores, advogando: 1) ser a primeira voz, o depoimento pessoal, o insight próprio no interior do qual germina o saber, uma forma de conjugação imprópria ao discurso filosófico; 2) as imagens e metáforas – naturalmente dificultando o exercício das sofistarias e prestidigitagens linguísticas típicas do tomismo – afigurarem recursos intelectuais cognitivos anômalos, excepcionais; 3) a psicodinâmica representar um abuso e uma degenerescência do discurso filosófico, *psicologismos impuros* – fazendo a apologia dos teologismos (extrapolações fantasiosas e reconhecidamente absurdas) e da lógica (em-si

---

<sup>3</sup> Analisarei as formas de conhecimento num próximo Manifesto Essencialista, em fase de revisão.

## Manifesto essencialista - 02

um fenômeno biopsíquico redutor e típico do intelecto racional) os critérios últimos e normativos, determinadores da “verdade”.

Indiscutivelmente, o *subjetivismo*, na sua vertente positiva, representa um fenômeno cultural reativo, respaldando e fortalecendo o ente, frente à abertura incondicional e acrítica da cognição aos influxos hipnóticos orquestrados pelos representantes da revelação; sendo que, o *objetivismo*, antes de opor-se ao *subjetivismo* no plano interior e fisiológico das modalidades intelectivas, pertence, igualmente, ao fenômeno reativo anunciando o renascimento. Nesse sentido filosófico sistêmico, esse *eixo subjetivo/objetivo* iniciou ser lapidado pelos filósofos vanguardistas do medievo, como Scot (1266-1308) e Ockham (1300-1349) e os modernos, Descartes e depois Espinosa - mais adiantado na direção de um reencontro com a perspectiva cosmo-existencial – e, finalmente, por Kant, que, na sua dócil e fundamental submissão aos editos e dogmas, inverte o efeito remediador do subjetivismo em relação aos pressupostos teóricos do medievo, portanto, refreando o esforço do iluminismo em busca do renascimento da nova cosmovisão hoje se instalando. No seu início, partindo de uma apreensão filosófica já reduzida em relação à metafísica jônica heraclitiana<sup>4</sup>, a definição e elevação da subjetividade, do experimento próprio, da voz ativa<sup>5</sup>: a) de uma interatividade corriqueira, relacionada com a obtenção e a utilização ciente dos recursos materiais necessários ao bem-estar (aprimoramento evolutivo das respostas pragmáticas ao meio ambiente), b) à categoria de padrão gnosiológico-filosófico basal, ainda hoje postura oficial da academia: efetivou uma brilhante via de saída das influências deletérias da teologia antes, absurdamente, elevada a estatuto filosófico. Contudo, se o subjetivismo, como padrão gnosiológico-filosófico, ou ainda, modo de inclinar-se existencialmente e cognitivamente sobre o mundo e suas próprias inserções nele, reintroduz, sem dúvida, com precisão e clareza, historicamente, o uso da razão, pondo em xeque o desvario do lema medievalista “creio no absurdo”, ainda assim, não recupera a cosmovisão perdida, consistindo em reconhecer e experienciar o Universo em si, apresentando-se ao sensório e à imaginação criativa logo ao despertar, como o grande, sempiterno estado-de-ser, de que fazemos parte, integralmente, como células de um órgão. Significar a si mesmo e ao mundo, a partir de si, integrando percepção e semântica, ambas originadas na trindade: cultura, natureza-em-si e contexto coerente e integrado de busca, exige começar da origem: fazer meia volta, sair, para retornar do portal basilar e percorrer de novo, consciente, a passagem de entrada e saída da nossa civilização. O portal, ou “punku”<sup>6</sup> na

---

<sup>4</sup> Isto é, a divisão teísta, maniqueísta do campo existencial-cognitivo selvagem e universal, antes naturalmente unificado, nas duas esferas, ou astrais - celestial e telúrico – típicos do âmbito teísta sobrenaturalista, onde o sagrado, enraizado e florindo no domínio experiencial da estética, posteriormente banido do campo original, passou a não ser mais vivenciado, apenas referido e representado por especialistas e eleitos.

<sup>5</sup> Como no experimento salvador de Descartes, incitando os fiéis e crentes a duvidar “(...) imaginemos que o maligno tivesse confundido as coisas...”.

<sup>6</sup> No mundo andino, dos sacerdotes incas, a existência humana transcorre em três realidades paralelas: Hanan-Pacha é um mundo de sentimentos sutis, o sol brilhando no ânimo; Kay-Pacha é a dimensão tangível da existência; Uju-Pacha é um mundo escuro de

## Manifesto essencialista - 02

linguagem dos andinos, está locado no alinhamento indo dos pré-socráticos a Sócrates, mestre do silêncio, até terminar no santuário do seu silêncio próprio<sup>7</sup>.

Muitos, ainda enlaçados nos fascínios medievais, imaginam que a Filosofia superou historicamente o mito, não tendo nascido em harmonia com ele, o que é um engano: a teologia ocidental predominante, a escolástica, em plena harmonia com o mito da *salvação, do retorno, da ressurreição, da vida eterna em corpo e espírito*, e os debates circundantes, são, espantosamente, considerados “filosofia”. O equívoco predomina de tal forma que não se percebe que esta *bolha ocidental de filosofismo teológico* é fundada numa ideologia e esquema sociocultural elitista, assentados num mito historicamente sabatinado - confundindo-se teólogos com filosofia. A Filosofia não pode caracterizar-se por uma impossibilidade (a superação da esfera mítica), nem por uma redução, fazendo de um mito regional, contingente, um determinismo metafísico. Filosofia implica em um domínio fenomênico: a aptidão de adentrar, sem apego, nem fascinação constrangedora, com liberdade, na esfera mítica, com lucidez, escolhendo, destemido, os mitos geradores de vida e serenidade. No mesmo compasso, o positivismo e fisicalismo, derivados teóricos do exercício da tecnologia, não superam tampouco a esfera mítica: ela opera independente; mas, contida na existencialidade, formatando as relações e posturas cognitivas filosóficas que, por sua vez, embasam os direcionamentos epistemológicos. A esfera mítica, como o lobo frontal, é parte inalienável do âmbito cognitivo, podendo ser autotutelada, regida com consciência, ou heterotutelada, sujeita a determinismos inconscientes, sendo o sábio, ciente e gerenciador das suas crenças e mitos; mas, o homem comum, sujeito e instrumento.

A natureza humana é racional – no sentido pleno e qualificado, filosófico – e, por ser assim, em meio a um universo ordenado e harmônico, gerador de sentidos, após exame filosófico e à luz da razão natural respeitada, não ofuscada e enlameada em ideologias, revela-se que inteligente é procurar ser virtuoso, não porque se *deve* de acordo com metrificações intermediadas e pedagogias negativas, por isso corruptora – “tu és pecador! Deves obedecer para corrigir-te! – naturalmente, porque ser virtuoso é sensato e inteligente, para quem sabe discernir o que vale, e como melhor escolher e conhecer. A racionalidade filosófica, apesar de Kant, não pode ser embasada num imperativo

---

forças desgovernadas, caóticas, e infra-humanas. Do plano Kay-Pacha, temos a faculdade de conduzir o destino em direção a Hanan-Pacha mediante o exercício da coragem, força e atenção ou então em direção a Uju-Pacha mediante o descaso e apego. Condições especiais, como: o topo das montanhas, matas e sertões, beira dos mares e rios, músicas, poesias, até mesmo pensamentos e o silêncio, podem funcionar como Punkus, ou portas para Hanan-Pacha. Outras, como quebradas escuras, áreas poluídas e ruidosas, lixeiras, podem abrir as portas de Uju-Pacha - os distraídos, aproximando-se desses lugares, por ingenuidade ou interesses grosseiros, arriscam-se em perder a liberdade e a saúde.

<sup>7</sup> Uma epopeia descrita no ensaio “*O Portal da Existência*” publicado na Filosofia, Ciência & Vida Especial – nº 2; Editora Escala, SP, p. 72 – e reeditado como “O ESSENCIALISMO NOS PORTAIS DA CIVILIZAÇÃO” no item “artigo” desse sítio internet.

## Manifesto essencialista - 02

categórico normativo, ultimamente irracional; menos ainda na presença de alternativas filosóficas antigas e válidas, profundamente responsáveis, “clássicas”, tais como: 1) não pressupor ser a sua insatisfação frente ao que é [impermanência, mutabilidade, permutação em escalas infinitas], em relação ao que se gostaria que fosse - ou ao que se acredita ser por ter sido educado e condicionado a crer -, evidência segura de um “limite” na sua capacidade de (re)conhecer o essencial<sup>8</sup>; 2) ser prudente para não elevar conceitos teleológicos hipotéticos de origem e fim, como ponto inicial e final do que se pode pensar; 3) aprender a reconhecer o essencial, essencialmente, i.e., por inteiro, na forma na qual se apresenta ao intelecto integrado, pleno e geral, incluindo a intuição e o sensório; 4) conformar-se e adaptar-se ao que se é: criaturas incapazes de penetrarem logicamente o mistério essencial, mas aptas a admirar e experienciar, plenamente, “absolutamente”, a sua realidade manifesta, na escala condizente, reconhecendo: a) a existência se justifica em-si, magnificamente, esteticamente, b) irradiando e refletindo sentido sem mediação, diretamente, c) sugerindo e evidenciando, naturalmente, a verdadeira ordem etológica e ética, o caminho, aos dotados da virtude de saber contemplar sem deixar as hipóteses turvarem a beleza das evidências, sem acrescentar desejos, nem preconceitos ao que se denota e manifesta *in natura*: o “tremendo e fascinante numinoso”, sempiterna referência de nível, ponto zero e entusiástico da grande e universal escala de valores.

### DOS MEIOS-TONS DA METAFÍSICA MEDIEVAL

Na metafísica mediévia, tomista, aquilo que se apresenta como “supraessencial” aparenta ser dessa forma nas incongruências do sujeito, do pensamento, não de fato. Essa dita “divisão relativa do ser”, apontando o divino como entendido no orfismo radical, tenta fazer valer a partir de compreensões estacadas em ênfases retóricas e uso de elementos mais estilísticos do que conceituais. Pré-requisitos formais e informais, uma ideologia condicionadora, envolvem o discurso em uma retórica tão peculiar que exige, ademais dos argumentos, um léxico destacando os significados escolhidos, exemplificando relações de outra forma não evidentes. A postura dinâmica ideal ao estudo e entendimento de uma metafísica assim condicionada – de fato um processo de convencimento - seria operada por um ente possuindo quatro braços para melhor manipular dois livros: simultaneamente, buscando no léxico os significados peculiares e escolhidos dos termos e acompanhando o discurso! Mas essa prestidigitação necessária, ainda não seria suficiente para produzir essa espúria “divisão relativa do ser”, ou

---

<sup>8</sup> Contrariando o deus teísta, a natureza é pródiga, generosa, nas suas dádivas.

## Manifesto essencialista - 02

divinização sobrenaturalista. Para bem imaginar o entendimento desejado, o leitor necessitaria, como pré-requisito, ter sido exposto e iniciado à doutrina gnósica. Sem pré-conhecer os elementos doutrinários do gnosticismo radical, relacionado às religiões orientais e ao neoplatonismo<sup>9</sup> [como seria o caso de um filósofo pagão vindo de outro tempo, de outra cultura, um grego antigo da velha Jônia do início do século VI a.C], o exercício metafísico tomista sugeriria apenas uma forma rebuscada e confusa de “monismo idealístico”, uma metáfora sofisticada de deificação cósmica. Não um monismo materialista simples e direto - como o de Demócrito ou Epicuro -, seria algo mais tardio, extrapolando, mas próximo do aristotelismo; tampouco seria um “monismo espiritualista”, como um solipsismo, devido a essa “presença” e “atualidade”, a essa “datossidade” [a definição dos “entes materiais” com suas formas expressando algo da perfeição doada por via do “princípio organizador”]. Seria um “monismo idealístico”, contemplando as esferas mais abstratas a partir desta “datossidade”, até a geração do conceito de totalidade: um “Tudo”, ao estilo parmenidiano, e, acertando definições, construindo os conceitos na escalada das teses e sínteses, chegar a um “Ser-tudo” inefável e divinizado nas suas fronteiras, igualmente presente e atual: isto é, claramente, em termos e por definição, um panteísmo ou, mais exatamente, um panenteísmo.

Desenlace indesejado, antagônico ao dogma da Igreja, premonindo-se com circunstâncias socioculturais e históricas oportunas: a retórica é guarnecida, canalizada, em busca de um sobrenaturalista aparente e desejado, em virtude do poder estruturante de um batismo prévio nas águas da doutrina teológica, imperando firme e autoritária, como fator catequizador, de reflexão divergente, nos caminhos da meditação contemplativa sobre o estado-de-ser. A doutrina teísta é um pré-requisito explícito, imperante como um halo envolvendo o salão do pensar, pressupondo a possibilidade de evocar o conceito sobrenaturalista com meras alusões, independentemente da esfera conceitual do discurso, como tocar um sino ocasionalmente, com parcimônia; mas, mantendo uma retórica de cunho filosófico, alimentando e permitindo a satisfação da racionalidade sobrevivente ao expurgo da luz da razão natural, do intelecto pleno, propriamente dito. Quem duvida ser implícita na doutrina escolástica - Tomás de Aquino (1225-1274) – amparada pela Igreja Católica, que a imaginação lúcida<sup>10</sup> e abstrata, naturalmente diluindo o entendimento no mistério como apontado e festejado pelos antigos pagãos, seja, antes de tudo, ofuscada, laçada ao conceito de “santa ignorância”, decorrente da visão revelada de Deus e recebida indiretamente, por transmissão intermediada pelos profetas e escrituras: *a palavra*, doutrina monoteísta do deus sobrenatural, e unidos, no enlace, com os ordenamentos socioculturais e políticos

---

<sup>9</sup> Como os conceitos gnósicos da “emanação”, da “queda”, da “redenção” e da “mediação” entre a divindade e os homens.

<sup>10</sup> Discirno três formas de imaginação. 1) *Imaginação lúcida*, como imaginação filosófica, propriamente dita, no foco da luz da razão natural, até gerar formas lendárias e míticas virtuosas; função intelectual diversa da 2) *imaginação corriqueira* e 3) *imaginação dogmática*, a segunda sem compromisso filosófico; mas sim, lúdicos, a terceira, condicionada a um dualismo hipotético extrapolado a partir das doutrinas órficas radicais.



## Manifesto essencialista - 02

da teologia, infiltrados por oposição. Para assimilar, com algum grau de veracidade, os argumentos da metafísica fundadora da civilização vigente, é necessário: 1) manter-se nas normas respeitando o léxico adequado; 2) ter sido exposto à doutrina gnósica; e, 3) ter sido, historicamente, submetido e conquistado pelo poder estruturante, batismal, do mito teológico. É entranhada nessas precondições que essa “supraessencialidade”, expressando-se como “divisão relativa do ser” típica da metafísica tomista, afigura-se sensata. Para entender o tomismo na forma implícita e desejada, necessita-se de um trabalho a quatro mãos, com dois livros para consulta (o *léxico*, associado à doutrina teológica e filosófica) assim como já ter assimilado e admitido o mito e a doutrina cristã. Sem esse terceiro elemento, essa trindade, se perceberia um discurso rebuscado, confusamente panteísta. A escolástica é uma ideologia disfarçada entre elementos de contextos inclusos no plano, em meio a ‘definidos’ e ‘indefinidos’, cingindo as interpretações nos compassos desejados. Palavras, conceitos, que se aplicam de modo variáveis – não francamente diversos ou idênticos -, a objetos essencialmente diferentes: dubiezes situando-se a igual distância do unívoco e do equívoco, pregadas como certezas, configurando um discurso autoritário tutelado entre termos peculiarmente definidos, desembaraçados ou reforçados das suas sombras antinômicas quando necessário, progredindo, saltitando, nos enquadramentos desejados. Uma racionalidade se processando e deslocando de um lado a outro entre diversas relações e nuances conceituais, aderindo às acepções e significados vantajosos, alinhados a um “céu”, ou “paraíso”, saindo da “terra” em um eixo já traçado e revelado: um teologismo (em termos anteriormente definidos: uma *filocracia*). Em Tomás de Aquino, trata-se de metafísica um pouco como se fosse um jogo inocente, um exercício de convencimento, uma academia, operante apenas se obedecer uma certa ordem e num certo contexto e prestígio<sup>11</sup>.

Essa *divisão relativa do ser em busca de supraessencialidade* não ocorre: ela se afirma como um pressuposto na aceitação confessa e por profissão de fé da crença e do dogma. Forte apriorismo, como divindade de reis, estacado na ideologia torna-se organização social, funciona como magneto atraindo o fio discursivo na direção do conceito antecedente, sagrado e indiscutível; desde já exonerado de quaisquer ponderações referentes ao sujeito. Assim sendo, o discurso filosófico tomista não é prospectivo nem espontâneo, aberto, curioso; construído com criatividade: não é autêntico, puro, é destituído do poder da veracidade, implícito na denominação ‘filosofia’. De ‘senhor de todo o sentido possível’ o discurso passa a ser ‘servo e instrumento’; conquistado pelo dogma finalista que passa a ser regente, pré-afirmando a ‘verdade’ à qual se conforma e se molda: afasta-se da busca. Para que esse projeto de doutrinação se desdobre de uma forma *aparentemente* convincente e satisfatória (ilusória) no âmbito típico do

---

<sup>11</sup> Não querendo constringer o leitor a cogitar os meandros da metafísica tomista, exemplifico em anexo a esse ensaio o parecer crítico acima exposto.

## Manifesto essencialista - 02

sujeito pensante, recorre-se necessariamente à engenhosidade, ao uso desenfreado da sofistaria, de silogismos fortemente controvertidos (*silogismo erístico, hipotético e modal*) onde o caráter das proposições, as suas relações e nuances são enunciados como fatos (sejam possíveis ou impossíveis, necessários ou contingentes); sem jamais acrescentar conteúdos: apenas sublinhando valores nas relações do pensamento e ideias (perfazendo o que no kantismo se define como juízos assertórios e problemáticos) em busca dessa meta pré-conceituada. Trata-se de argumentos aparentemente válidos, na realidade, não conclusivos: supondo e revelando *fé*, falácias e paralogismos.

### DA METAFÍSICA FIRMADA NA INEFABILIDADE DO ESTADO-DE-SER

Como pressuposto nos caminhos de uma escola teológica buscando embasamentos e argumentos em discursos filosóficos originalmente elaborados à luz da razão natural, a metafísica de Aquino só pode ser, na sua origem, uma metáfora filosófica naturalista, onde, preconceituosamente, tenta substituir, em cerimoniosos passos de retórica, o fundamento gerador, o “naturalmente contemplável” por dogmas religiosos e sacerdotais. O “ente-pessoa” é gerador evidente do conceito “divino” e, assim sendo, espontaneamente e de imediato, conhece-o, experimenta-o, de alguma forma, seja num vetor de inclusão, pertencendo, ou de exclusão, não pertencendo. Refletindo e pensando, o conceito, *a posteriori*, justifica-o em-si, sem contudo explicá-lo; mas, a doutrina só justifica o ente pensante quando coligando em união, identificando e correspondendo o significado apontado como sendo experimentável pelo sujeito significador: conexão apenas ocorrendo quando o conceito de divino é construído apontando a inteireza cósmica, a Natureza ou Universo; i.e., quando o conceito ‘deus’ é conhecível, porque concebido e entendido como aderindo ao Universo, a que, sensivelmente, pertencemos como elementos incluídos – o divino aderindo justamente a nós mesmos. A popularidade e predomínio do fenômeno teísta não justifica a sua veracidade; uma propagação e predomínio que, igualmente, não se explica *apenas* pelas violentas revoluções culturais impostas pela igreja, achando-se mediadora perfeita e exclusiva do divino, seja católica, romana, ortodoxa, ou outras: a ampla aceitação e divulgação da religiosidade explica-se, em profundidade, por agregar e coletar uma antiga e espontânea experiência mística (iniciada na atuação dos mitos e cultivada na prática dos mistérios), embora desclassificada pela ‘extrusão sobrenaturalista’ mediada por especialistas e sacerdotes sedentos em beneficiarem-se intermediando as “revelações”, e, a serviço, do poder estatal – livremente, ou forçosamente como exemplificado no *Congresso de Nicéia*. Uma antiga experiência mística significando sermos criaturas universais, todos ‘filhos(as)’ da estrutura universal; na consciência dessa união sublime e genésica reside o dito espírito santo: a razão qualificada e adequada dos filósofos. O “cristo” nasce e ressuscita da santa mãe virgem da pureza prístina, cada vez que um de nós assim se reconhece. Somos todos josés e marias carregando bebês. Ele “volta” ou

## Manifesto essencialista - 02

“retorna eternamente”, a cada linha dos poetas e filósofos; o culto é o cultivo de uma flor em nossos peitos, abrindo botões, tentando construir um paraíso aqui e agora; mas, não porque se deve, apenas porque é realmente mais sensato e inteligente. O absoluto e o relativo são relativos ao ente; e o ente é relativo a um absoluto abstrato de transcendência vertical hipotética. Ser é estado-de-ser associado, que somos, sem poder bem definir; é justamente, por assim ser, que, naturalmente, praticando as virtudes [justiça, atenção, coragem, dedicação, prudência, amizade] caracteriza a melhor forma de lidar com este momento suspenso em mistério - operando dessa forma, do modo mais perfeito possível nas circunstâncias que sucedem. A prática fiel das virtudes reflete uma inteligência inata tanto quanto derivada do entusiasmo e bom humor oriundos da espantosa, magnífica e imediata (sem intermediação) contemplação do mistério.

### DO ABSOLUTO E DO ABSURDO

*(...) A metafísica ligada a um pensamento e a uma linguagem racional e conceitual, deve ser superada, e torna-se necessário encetar a via de um pensamento e de uma linguagem evocativos, rememorativos, poéticos. Molinaro, Aniceto – Metafísica: curso sistemático; conclusão do capítulo I.*

O ser humano tem estrutura semelhante à de uma planta aquática. Evolve neste planeta, assentado em circunstâncias estruturais e culturais, como as ninfeáceas de rizomas presas ao lodo dos igarapés e de flores com cores encantadoras. A humanidade, com estatura e constituição física bem acomodada ao chão, talhada numa tradição, num lugar, e emanando um mundo imponderável de ideias e crenças, imaginações e fantasias, é, em-si, uma estrutura simbólica por excelência, genésica e viva; ocorre, internamente, uma relação ou conotação mítico-simbólica. Das ninfeáceas, afirmar, suprema e absoluta, a superioridade ontológica dos perfumes e das cores - i.e., na nossa metáfora, os pensamentos, as ideias e as crenças -, sobre todos os aspetos estruturais e constitutivos, caracteriza idealismo dogmático, dualismo inconsequente. Um perfume por mais sutil que possa ser não pode ser essência, *tintura mater*, sem ser extraído da matéria mãe.

Um discurso idealizado, teológico ou não, especializado, aquém do nível filosófico, comprometido, *a priori*, em defesa de teleologismos, afunila em divergências opinativas do tipo: “*para Aristóteles o ato é a determinação, a substância na sua constituição, a formalidade; já para Santo Tomás o ato é o ser, o ser é o ato de todos os atos, e formas. Para Tomás não vale o ser como ato, mas sim o ato como ser; o ato é definido como ser*”<sup>12</sup>. Ora o que poderia conter tal discurso a não ser uma revisão escolar de crenças

---

<sup>12</sup> Ibidem; 1.13 Santo Tomás: o ato como ser; p. 38.

## Manifesto essencialista - 02

aliada à afirmação de uma doutrina apriorística? Em que aspeto peculiar de uso e sentido do verbo *ser* a afirmação dita aristotélica (o '*ser*' como ato) se torna antítese da tomística (o ato como '*ser*')? Certamente, não no sentido *existência*, o ato existe; nem tampouco *realidade*: o ato é real. O ser de Aristóteles é atualidade e potência indeterminada, passível de predicar todos os entes, o ato é *Logos*, realidade caracterizada pela sua perfeição e perenidade; de certa forma, assim é, igualmente, na doutrina mediévia. A diferença parece se dar no sentido e uso do termo *ser* na escolástica, semelhante ao de Parmênides definindo *ser* como *pensamento*<sup>13</sup>. Especificamente, como pensamento do incriado, do imperecível, do imóvel, do indivisível e do eterno: *ser como pensamento de Deus*. Se para Aristóteles esse ser é divinizado como Natureza, o deus Cósmico, o deus matéria-energia; já, para Santo Tomás, esse ser é a realidade suprema como sendo o deus teísta transcendente, sobrenatural e criador. O que de fato está sendo afirmado é que para Aristóteles o ato é a determinação da natureza, a substância na sua constituição, a formalidade do mundo, enquanto, para santo Tomás, o ato é Deus. Deus transcendente é o ato de todos os atos, e formas. Para Tomás não vale o divino como ação natural, mas sim a ação, o ato, como determinação e ação plena, primordial de um deus regente: um deus sobrenatural e transcendente. O destino impreterível da metafísica empreendida em termos apriorísticos e sectários é degenerativo, reduz-se a uma pregação, a um ato de fé.

Não há como eleger um aspeto de um todo sistêmico, mesmo o mais sutil, ou, o mais fino, ou mais atômico, a mais alta idealidade; isto é, eleger uma especificidade como substância primordial, essência, e, firme na ideia dessa potência pristina inicial, pensar poder justificar tudo, inclusive as condições próprias e circundantes ao surgimento dessa força inicial. Até mesmo um conceito moderno e apurado de substancialidade, a “matéria-energia” vibrando em ajustes finos, em posições, eixos, forças e valências definidas, não consiga prever todas as formas, atos e relações possíveis em todos os momentos da sua evolução, devir ou duração. As circunstâncias de surgimento inicial permitem dimensões e leques de possibilidades – o fluxo da causalidade – sem determinar as formas, realizações e atos subsequentes. A criação não se explica nem se esgota na substância, mas se realiza continuamente através das multiplicidades das formas, per si, e das suas relações. As interações intrínsecas a todos os entes e momentos modulam o sistema de maneira ininterrupta e imprevisível, abundantemente criativa: dos arranjos químicos fundamentais às estruturas moleculares complexas e autorreprodutíveis do reino biológico, até o surgimento espontâneo de *H. sapiens*, emissores e receptores de sinais veiculando informações codificadas em símbolos através de artefatos, capazes de escolhas e atos de volição, abrem-se em leques infinitesimais de ação criativa, diversidade e variedades imprevisíveis, universais.

---

<sup>13</sup> Numa forma precursora de subjetivismo defensivo, ainda aberto ao mistério, mas reativo em relação ao desafio filosófico trazido pela introdução do maniqueísmo pérsio na jônia conquistada.

## Manifesto essencialista - 02

O Universo, entendido como “conjunto universal”, imaginável como totalidade, apresenta-se como um sistema autopoietico irrestrito, um processo universal em transformação. O conjunto dos signos e significados desvenda, informa e expressa intuições, ou reconhecimentos, de frações de universalidade, em que, cada nanômetro da incomensurável abrangência do espaço-tempo (o conhecido, iluminado à luz da razão, assim como o desconhecido), incessantemente, transformam-se, imbuídos, e insulados, por um véu de incognoscibilidade: tecido feito de matéria-energia, essencialmente misteriosa. O conjunto - desses signos e significados - revela universalidade. Sendo esse conjunto: todas as linguagens conceptíveis, a totalidade dos termos e palavras possíveis, as acepções, compreensões e extensões dos conceitos, os significados; assim como todas as variáveis e dimensões dos discursos, o conjunto de todos os elementos implicados num julgamento ou raciocínio, os modelos cognitivos, o que está em questão do ponto de vista moral ou material. Todos os domínios de conhecimento revelam e expressam intuições, reconhecimentos de fragmentos de universalidade. A conjugação de tudo quanto existe na totalidade, o conjunto dos astros observáveis, ou pressupostos, as galáxias, toda a matéria visível e invisível disseminada no Cosmo, a Terra, o Sistema Solar, as populações dos três reinos; os contextos e âmbitos onde o que existe evolui, ou ocorre, a relação das partes entre si na totalidade dos ambientes. A trama universal é formada a partir do binômio ‘*matéria-energia*’, infinitamente criativo e misterioso. As interações fundamentais – fortes, fracas, eletromagnéticas e gravitacionais – são as operações básicas, a álgebra essencial, através da qual o Universo se auto-organiza. Do fluxo constante da *matéria-energia*, da interação de cada partícula, elemento e molécula, espontaneamente, surgem padrões e organizações: nebulosas, nuvens intergalácticas e galácticas, o conjunto das 30 bilhões de galáxias observáveis com, cada uma, pelo menos 100 bilhões de estrelas, um número desconhecido de sistemas solares – com possíveis planetas, atmosferas, eventualmente, como na Terra, continentes e mares, florestas, plantas e todos os seres. A mesma força primordial impulsiona, até hoje, todas as reações nucleares, agindo no universo inteiro, estruturando a nossa história cósmica, expandindo-se à velocidade da luz, produzindo tudo o que existe; transmitindo-se em elos imensuráveis, nas diversas formas de interações energéticas: fonte única de todas as energias - até mesmo do fogo aceso na lareira. Em todas as partes e escalas universais analisáveis, até hoje pesquisadas, observam-se estados de transformação, constantes e sistemáticos, sem que seja possível denotar, em nenhum lugar, algum tipo de isolamento, separação, ou limites objetivamente conhecidos. Não há ruptura do elo energético entre 1) as partes observáveis, 2) os eventuais observadores dessas partes, e 3) entre esse dois conjuntos; assim sendo, não é, logicamente, possível reificar o conceito “Universo”: decorrendo tratar-se de um *sistema autopoietico*<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Ver a nota anterior.

## Manifesto essencialista - 02

*irrestrito*, um processo universal em transformação. Poderia o “Universo” ser alguém de abissal? Como imaginar ser provável justificá-lo?

Desse ponto elevado, contemplativo, a origem do sistema universal aparenta ser a sua própria identidade, ativa, atual, presente - inelidível. O conceito de universo [do lat. *Universus*: formado de *unus* + *versus*: *unus* “um, todo, todo inteiro”; *versus* “voltado, virado, mudado, propenso”] aponta para uma unidade totalizante e mutante, a unidade dos diversos, ou como diria o poeta: a unidade dos versos de uma grande epopeia. O conceito significa: uma expansão única, estendendo-se a tudo, por toda a parte, em fluxo constante, sem separação ou ruptura - estados de transformação. A identidade universal (identidade como qualidade de *ser o mesmo*, o que é) por ser central, original, una, infinda, e plenipotente, não suporta alteridade, transcendência ou historicidade objetiva: é uma realidade suprema, onde não existe uma dicotomia entre um sujeito criador e uma criação – ou entre um sujeito separado que observa, e um objeto observado entre o estado-de-ser e não ser. O conceito de “origem temporal e categórica” necessita introjeção subjetiva, ruptura dicotômica como contida na perspectiva transcendente-transcendental, e não subsiste à revogação do parecer kantiano em favor da perspectiva cosmo-existencial. A desobjetivação do conceito “Universo”, no sentido mais abrangente, revela um estado-de-ser cósmico, revestido dos potenciais do absoluto e atuante, um fenômeno manifestando, atualmente, a energia primordial. Os fundamentos da identidade e unidade não permanecem em mistérios e hipóteses relativas a uma origem histórica, emanam e encontram-se na certeza imediata e realidade das nossas vidas como acontecem: a origem opera na atualidade - a origem “é”, e está presente. Uma originalidade que poderia muito bem ser descrita como um *universar*, ou *agorar*: como teria dito o filósofo Benedito de Espinosa um “naturar, naturando” sempre, e a que pertencemos integralmente como “naturados naturando”.

O processo universal/existencial, no qual nos encontramos num panorama cosmo-existencial, apura-se, nos limites extremos da razão, em três elementos fundamentais: uma interfase desenha, cria e põe em existência - i.e. em movimento -, em fluxo e comunicação, dois lados: algo que posso simbolizar graficamente assim [.|.]; portanto, a criação e sustentação da ordem universal acontecem a partir de uma dinâmica regida e concebida por uma interface (por isso uma dinâmica trina) onde surge o diálogo, feito de união e oposição. Essa relação descreve um poder atuante, procedendo de acordo com um modo, ou compasso, uma configuração, intuída como essencial, adequadamente denominada de *Paradoxo Existencial Fundante* ou *Primeiro Princípio Metafísico*.

A percepção surrealista, eidética, ou hiperconsciente, intui que o Universo criador emite a ordem “criar e sustentar”: um movimento essencial, original, apto a ser simbolizado pela serpente cósmica, o Python, o símbolo de uma linha só com a língua bífida, onde o

## Manifesto essencialista - 02

‘um’ é o ‘dois’; ou, nas culturas da América antiga por *Quetzalcoatl*, a serpente Emplumada dos Mayas - uma simbologia assemelhando-se, consideravelmente, aos símbolos do Taoísmo. Evidencia-se um encontro processológico, um movimento permanente de transformação, conjugado no presente contínuo: um ‘sendo’ atemporal. Um ente, para existir, deve ser diferenciado e mutável, i.e, deve ser uma parte em movimento: existencialidade implica um estado-de-ser dinâmico - o movimento é a essência do estado-de-ser. A estrutura universal pode ser considerada um movimento inerente, manifestando-se em todas as categorias e fases da criação, fornecendo a estrutura operacional, primordial ou ontogênica, as fronteiras paradoxais, através das quais acontece a dialética da criação. Não havendo limites definidos em uma origem histórica absoluta, mas sim, processos, interfase dinâmica, a origem é: paradoxal, atemporal e atuante ; ou seja, a origem do sistema universal é a sua mesma identidade, absoluta e atuando no momento. O Universo revela existir sem razão, nem motivo: um sistema essencialmente criativo, absoluto e real: como uma substância dinâmica primordial, inexaurível, perene. Ele é agente supremo, fonte de toda atividade e determinação; princípio fundador de todo conhecimento: não sendo, por definição, sujeito a motivos exógenos, razões e causas de ser ou agir, outras, que as inerentes à sua própria natureza. Bem apreciar o momento é transcender a rotina aparente, conhecer a grandiosidade do simples comparecimento das coisas. Por que algo existe em vez de nada<sup>15</sup>? Por que algo existe assim? Realidade suprema é a natureza como pode observar-se à luz da plena capacidade cognitiva. Filosofar é, com clareza, enxergar a vida como mistério assombroso, gerando tanto admiração quanto intimidação, e acontecendo agora. À luz da mais ampla razão, a realidade universal é um ‘naturar’ ativo, mutante e criativo, onde cada distinção é efêmera, finita e mutante, sendo, o todo, ultimamente, sem forma, infinito e indistinto. A capacidade de tecer abstrações (imaginando as alegorias cognitivas dotadas de universalidade) dissolve as individualidades em unidade, os particulares em processo. Considerando esse processo criativo infundável, o existente se reestruturando sempre outro, novo, recriando-se: embora imerso em variações e mudanças, conscientiza estar confrontado com um fenômeno existencial acenando imutabilidade paradoxal, plenitude e perfeição.

A razão de um ser finito poderá não ser suficiente para explicar a que se refere o fenômeno da consciência, inerente à subjetividade e ao sentimento. O fenômeno da consciência é, certamente, um mistério, além das nossas coordenadas racionais, mas não mais profundo da incognoscibilidade referente à ontologia universal. Contudo, não sendo explicável, não significa que a consciência – e, na acepção mediévia, o seu conteúdo espiritual pensante depurado de sentimentos, estes, apendiculares e locados na “alma” - esteja separada, dualisticamente, ‘ao lado’ ou ‘acima’, ou que tenha sido gerada

---

<sup>15</sup> Questionamento leibniziano.

## Manifesto essencialista - 02

por algo estranho a esse *naturar*, ou sistema unitário universal. Não há razão para que criaturas tão diminutas, a humanidade, vivendo num sistema solar e planeta como grãos de areia nas praias do universo, sejam capazes de acertarem pressupondo: “*Senhores; o que está acima das nossas compreensões só pode, evidentemente, ser ‘sobrenatural’, ter origem fora e além do universo, desse ‘naturar naturando’ dos filósofos!*”.

O conjunto dos conhecimentos, das alegorias e metáforas, ainda parece ser pouco, não faz jus por inteiro ao binômio matéria-energia. Pensativos, hesitantes, envolvidos em pareceres diferentes, os sofistas, ou mestres em ciência e sabedoria, da Grécia antiga, não demoraram muito para descobrir que a razão, tida como pura e apta a refletir o *Logos*, ou razão universal, não era suficiente para bem apreender o “absoluto”. Foi quando Protágoras chegou à conclusão de que “*o homem é a medida de todas as coisas, da existência dos existentes, e da não-existência dos não-existentes*” i.e, a sabedoria é uma moeda lastrada pelos homens, pesada ao longo do eixo da balança existencial. Para ele, a razão, o *Logos*, não se apoia em alguma natureza absoluta, mas sim na natureza e humanidade. Posso ampliar o dito de Protágoras dizendo: *O ser é, e não-é, de acordo com o uso, ou não uso, de medidas.*

Na mesma época, em torno de 427 a.C., Górgias, o sábio de Leontinos, estabelece limites para a razão simples, no tocante à sua aptidão em confrontar o absoluto e paradoxal, com apenas três pequenos enunciados, afirmando: *escolares, “nada existe; se o ser existisse, não seria pensado; se fosse pensado, escaparia da linguagem”*. Ele, obviamente, não estava conversando trivialidades como: “há uma taça de vinho na mão de Sócrates” - não! Ele estava falando das possibilidades de conhecimento do ser absoluto, proferindo um axioma implacável para as doutrinas finalistas, querendo enquadrar a origem e natureza do Ser. Trata-se de um exame fortemente crítico a um dos pilares da cultura: estava proferindo, séculos antes dos modernos, o desmoronamento do castelo das certezas e dos finalismos, e isso porque “nada existe” (de absoluto); havendo alguma coisa absoluta, não poderia ser dada como existindo, já que para isso precisaria ser discriminada, i.e de alguma forma delimitada; mas sendo delimitável não seria absoluta; como alternativa, poderia estar suposta, envolta em outra(s) estrutura(s), mas essas seriam tributárias das mesmas exigências – ao infinito. “Se o ser existisse, não seria pensado”: (ou conhecido) se existisse não poderia ser pensado pelas mesmas razões acima apontadas; a impossibilidade de se discriminar o absoluto torna impossível o estabelecimento de distinções positivas, aptas a gerar ideias e conceitos válidos, substratos eficientes de cogitações. “Se o *ser* fosse pensado, escaparia da linguagem”; isso, porque a linguagem é composta de signos revestidos de construções culturais, medianizes de significados sustentados por cada indivíduo, ao longo de escalas finitas de tempo; por sua vez, o entendimento do significado é peculiar e



## Manifesto essencialista - 02

privado, tanto no polo emissor quanto no receptor: o fenômeno linguístico é, em si mesmo, singular, insuficiente para descrever o *ser*, desprovido de dimensões absolutas.

Assim sendo, a “verdade” atinente aos fins passa a ser uma escolha sempre discutível e não uma evidência necessária. Mas, agir fundamentado em interpretações exige outros tipos de veracidades: as fenomenológicas, ou processuais, contradizendo as mentiras, afirmando as virtudes. Verdades não decorrendo apenas da coerência lógica e congruência objetiva dos dados da razão, mas jorrando do conhecimento imediato, correspondência existencial onde convivem a harmonia do sentimento e das formas pensadas, a adequação das imagens e dos existenciais: vontade benfazeite e gratuita de congruência, virtude primária, que não se define - algo próprio dos que possuem a vontade e intenção de serem verdadeiros. É evidente que os limites da razão - em cogitar o absoluto - não deixam o ser à mercê da fé cega, a serviço de interesses peculiares: o discurso, embasado em premissas virtuosas, revela-se verdadeiro. Pedacos continentais de dúvidas e sofismas tendenciosos volatilizam-se, como gelo ao sol, no enunciado claro e direto de uma simples verdade processual, oriunda do bom senso, mas, claramente, valendo por si, no contexto em que se inscrevem. Como, por exemplo, o enunciado explicando com clareza, além dos artefatos da retórica, que a única coisa faltando à humanidade para resolver os seus problemas políticos é: aprender a reconhecer e tratar o próximo como a si mesmo.

A incerteza determina a necessidade de virtude (prudência), o cuidado e a monitoração constante dos efeitos e do rumo das crenças sobre si mesmo e o próximo – nosso próximo, como sendo todo o contexto planetário. A perplexidade, com clareza, determina, no âmbito das escolhas e da vontade, a necessidade de uma firme obediência à regra de ouro - a ética torna-se naturalmente essencial. Cada ser pensante e capaz é chamado a superar os sistemas de crenças, a revelar nas suas atitudes os paradigmas onde as crenças vicejam: ser virtuoso e escolher o rumo adequado, correspondente à sua compreensão mais plena e válida, que é a que permanece receptiva à dialógica razoável e lúcida tanto quanto à contemplação intuitiva, geradora de serenidade. Somos, em parte, responsáveis pelas nossas viagens e andanças no espaço-tempo. Vinte e cinco séculos já se passaram depois das estrofes de Górgias: são em pequeno número as naus rompendo o mar aberto, com poucas alternativas, o grande navio segue um rumo tumultuoso, rigidamente traçado em dogmáticas e obtusas certezas e convicções.

Essa criatividade será má se dentro da sua esfera de constitucionalidade, mercadologia intelectual, pedir sacrifício, renúncia, passividade e protelação das esperanças para além da vida: desistência resultando em escassez, incongruência, fragmentação, angústias e dores mais intensas das que, naturalmente, ocorrem no processo evolutivo – como na constituição da natureza, onde se pode viver, nascer, crescer, envelhecer e morrer sem

## Manifesto essencialista - 02

escândalos nem frustrações. Um dia, a humanidade despertará, conquistando plena consciência e humildade, afirmando o poder relativo de fazer da vida algo válido, ou não; mas, essencialmente, regendo o seu pensamento, escolhendo sentir-se no mundo, seja: 1) como estranha, estrangeira, adventícia, alheia e imprópria; ou então, 2) naturalmente, em casa.

O ser humano lúcido e desperto, nesse mistério atuante, se espanta e se maravilha, cria mitos, histórias como veios, filões de ouro, atravessando todos os conceitos, superando de imediato a capacidade estruturante dos afinamentos lógicos, elevando a realidade a uma expressão de princípios fundamentais, aparecendo à consciência como atemporais. Um vocabulário de imagens, atos e aventuras, o simbólico, conecta e sintoniza o sentido mais geral e profundo, à intuição mais poética, como pérolas, ideias quintessenciais, metainformações trazendo unidade, o genérico, nas pequenas histórias e coisas de cada um; histórias capturando o eterno para nós - talvez a estrutura mesma do atemporal -, descrevendo coisas das nossas vidas, permitindo assim a experiência da plenitude no devir dos momentos. São visões-intuições arquetípicas, mitológicas, categorias universais, ultrapassando as barreiras espaço-temporais, mas concentrando o poder de descrever o que mais significa. São crenças curvas, espiraladas, conectando em ressonância a presença do estado-de-ser em toda a sua espessura: passado e futuro no presente. São canais pictóricos, poéticos, expressões estéticas e de saberes refletindo o estado-de-ser evoluindo nos momentos de devir.

O filósofo grego, na sua fase pré-pérsica e pré-socrática, cuida de arquitetar sabedoria à luz da razão natural trilhada por linhas de força e luz de valor cósmico: os mitos. Os poemas como avenidas prístinas ao longo das quais, como vilas e tambos, irão surgir os planos conceituais da metafísica, da filosofia – como, em outra escala, formam-se as cristalizações e vórtices a partir de núcleos da matéria. A grande questão filosófica, civilizacional, converge nas primeiras distinções míticas genésicas. Na mitologia primordial, natural, as distinções e delimitações iniciais - os primeiros traços - a *gênese* justifica a criação sem separar, ou dicotomizar, i.e., sem que o reino dos entes seja alienado ou dissociado da unidade cósmica, permanecendo intocada. O princípio (arché), incluso em todos os azimutes da criação, é compartilhado de uma forma ou de outra, reconhecido na dependência dos potenciais de abstração dos seres que o evocam, como água, fogo ou ‘to ápeiron’. O princípio é o potencial regente do cotidiano, veiculando as relações de todos os entes, de forma semelhante às ilustradas nas intuições poéticas. Intuições captando a estrutura do devir, o rumo transcendental, como cantigas sagradas louvando e reconsagrando o mundo a cada verso, i.e. despertando os seres - às vezes adormecidos e embalados nas suas rotinas e confortos - à sua natureza amorosa e heroica. Mitos e cantatas ecoando nas agremiações dos humanos como chamados de força e luz: alerta! Evocações, chamados por sentidos em vias legítimas de devir; no

## Manifesto essencialista - 02

mistério da unidade, a busca e marcação do caminho da ponderação, o desenho de vias eutímicas na prática da ética cristalizada nas virtudes socráticas, cardeais – justiça, prudência, coragem e temperança. Os sentidos são claros, apreendidos de imediato, deixando o ser orientado, suscitando atos criativos e de retidão centrados e em harmonia com a natureza; não há metafisicisms sofisticados e torcidos, dúbios: o mistério experimentado é respeitado, desprovido de ontologismos transbordando e confundindo o que se pode definir.

Na influência do orfismo (fortemente enfatizado e caricaturado nos moldes do zoroastrismo trazido na invasão da antiga Jônia por Cirus II), a filosofia, antes nascida nos planos abertos da razão lúcida, fertilizada pelos mitos, principia, a sua fase pérsica e pré-socrática, em busca de afirmar e consolidar um saber desafiado e reprimido. Um saber unitário antes adquirido, ferido nesse golpe, nessa distinção, talho estranho separando ‘criador’ e ‘criatura’; recolhendo, numa hipotética supraessencialidade, a criatividade, excluindo o princípio (arché) do convívio dos humanos. Princípio excluído, tornado incompreensível e inalcançável; entes sitiados deixados sem rumo imediato, sem bússola natural, flores trituradas e essência extraída: situação de perdição suscitando ondas de irrealismo sectário e irracional, de idealismos dogmáticos, comandados por (autodenominados) enviados, emissários de fontes privilegiadas de dados e informes. A sabedoria de poder ler os desígnios da natureza na escuta dos cantos míticos é raptada e se perde nas pautas da rígida leitura das escritas, normas, preceitos e leis. Mas, Deméter sempre liberta a filha.

Para que tende a busca de um *ser-em-si* angelical, sem estado, desprovido de textura, como princípio unitário, totalidade metafísica absoluta, onipotente, ilimitada e sem forma, afirmando-se e revelando-se como fenômeno restrito ao pensamento? “Essa busca, assim definida, tende para quê?” Tende para o não diferenciado, o diluído, para o silêncio e paradoxo: não há como chegar-se ao sem limites, ao tudo (mesmo denominado *ser-em-si*) sem elaborar e reduzir as diferenciações. “Em que o não diferenciado, o silêncio metafórico, como absoluto, sem forma, poderia se diferenciar do nada?” “É o nada da teologia negativa! Nada: a verdadeira natureza divina, o Tudo, pleno de força e mistério, é o “ser”!” “Bem, mas em relação a que, a nada?” “Em relação a ele mesmo, em si mesmo, é presença! Ser puro!” “Bom, mas, o que é presença, ou que é ser puro?” “É *ser-em-si* desprovido de textura corruptível, é tudo, nada, o absoluto!”.

Estamos claramente num exercício de firmeza do pensamento, na fixação concentrada da ideia rondando em paradoxo. Trata-se de um movimento no pensamento em si, afirmando o *ser-em-si*, designando pensamentos, apoiado em tradições e escritos de homens elevados a *santos* por outros, assim buscando. É um movimento fundamentalista, societário, no interior do ser que pensa, possivelmente, trazendo

## Manifesto essencialista - 02

efeitos definidos e diferenciados para o ser pensante, tais como: 1) acalmando e sossegando, trazendo exaltada segurança psíquica concentrando a ideia [sinalizando uma forma de ataraxia ou eutimia]; 2) inflando uma bolha-pensamento de plenitude, ou magnitude [uma ‘ampliação’ especial da consciência]; 3) imobilizando e recolhendo o corpo, dissolvendo o mundano no pensamento, libertando-se dos apegos; portanto, quando praticado e meditado, poderá, possivelmente, caracterizar um movimento inclinado à realização de uma forma de sabedoria e serenidade. Mas será, com efeito, um caminho apontando a realidade, verdade, ou totalidade? Em relação ao plano do real, em que o *ser-em-si*, “absoluto” e concebido dessa forma, poderia diferenciar-se do “absurdo”, de uma construção linguística negando e enclausurando a vida? Como esse pensamento sectário na sua gênese doutrinária, nas primeiras linhas da sua catequese, tendo como *cor* um dogma e não uma busca aberta, poderia ser totalidade? Na realidade, o filósofo assim buscando – seja Parmênides, Platão, Tomás de Aquino ou outro – é outro, é alteridade, é assunto mencionado: eu sou aquele escrevendo essas linhas, eu sou outro, não há diluição entre nós a não ser conexões em categorias específicas e diferenciadas, gravadas nas nossas relações, tais como: no gênero, na espécie, na aptidão filosófica, e outros. Parmênides defende o seu conceito como algo mais que o pensamento – como transcendência absoluta e abstrata, num plano ideal, mais ainda, na textura do mundo, em relação à realidade do mundo natural – um processo sustentado de desconstrução do mundo e dos entes: “o mundo é ilusão, i.e., de alguma forma existe, mas é *maia*”. Algo, certamente exorbitante, afirmado por Parmênides que, enquanto declamava as suas estrofes, jamais deixou de ser um ente singular, ativo e pertencente ao mundo, que vivia na Grécia, e agora mencionado aqui e por mim, que sou outro ente vivendo agora. Platão cria uma hierarquia onde, no topo, há essa unidade ideal, o “hiperurânio”; no meio, essas ideias, e ,em baixo, as coisas imperfeitas: descortina e decreta um dualismo mirabolante querendo unidade. Ademais, como imaginar o ato-energia como sendo “puro ato”, *ato em si*, ato como essência imóvel, potência atuante e serena, plena e sempre igual, que não se esgota: afirmar e identificar isso sendo Deus, isso é, “Tudo”, sem definir-se panenteísta, mas apelando para um *ser-em-si* sem textura? Apenas acrescentando e enfatizando que “o imóvel”, o “em si”, o “puro”, o “igual ao ato” é transcendente, sobrenatural, como confirmado pelos profetas e todos os santos: acreditando mesmo se absurdo, porque assunto de fé, coisa revelada, estado-de-graça, grande mistério da *teologia negativa* e da *cabala*? Mas como isso poderia ser mais do que palavras, imagens e metáforas? Onde, com efeito, tal discurso faz o ato ser realmente imóvel e a ação ser fixa - a não ser nas ideias obcecadas e convictas, que não mais reagem, nem agem, nem criam: diluídas, suspensas e convencidas pela fé? Retórica nenhuma impedirá de compreender o ser assim concebido absurdo, igual ao nada; afirmar a reabsorção do ser no absurdo nada significa. Como pensamentos apriorísticos, estabelecendo conexões laxas entre termos, aproximando fronteiras de sentidos divergentes entre conceitos e abstrações, poderiam de fato estabelecer identidades reais

## Manifesto essencialista - 02

e verdadeiras? Como uma profissão de fé anunciando “*credo quia absurdum*” poderia evocar um conceito sensato de divino?

Existiria uma totalidade que não fosse apenas absurdez no pensamento, uma tentativa sofisticada posta em termo de ideias? Uma unidade que não abrigasse incompatibilidades radicais? Sim, isso é justamente possível por que há ato, há energia, há ação: há devir, há *physis* e *arché*, causa única apenas separada pelo modo essencial e dicotômico da razão humana, mas unida, porque inseparável, em movimento! O devir é criação, força serpentina que circula entre polos e formas diversas; o devir é livre de constrangimentos, livre de limites e restrições: como infinito devir é um dragão cuspidor de fogo, criando mundos, explodindo galáxias, clareando luz, cristalizando ar, vapor, chuva e água, terra, primaveras de mil e uma formas, é força infinita e livre de fixações e diferenciações radicais. O devir é estar sendo e vir-a-ser, devenir gerando movimentos. Velocidades perceptíveis e imperceptíveis, movimentos da mão escrevendo, dos neurônios ativos pensando o imóvel e a bolha de Parmênides, criticando a metafísica tomista, o giro da terra trazendo a alvorada, a próxima estação, o movimento do sistema inteiro fazendo das constelações do céu nuvens fantasiosas, espiralando no negrume ao longo de eras insondáveis. É conciliação e união do momento e do estado-de-ser mutante, fluido, estado-de-ser, simplesmente. Através do exercício da virtude<sup>16</sup>, abre-se a memória, na espessura magnífica do pensamento transbordando o tempo, abre-se um vir-a-ser onde o transcendente realiza-se a partir do devir, integre o devir. Ai está a unidade: no movimento e no fluxo equilibrador; o caminhar como verdade e vida, considerando essencialmente tudo! ‘Tudo’ por estar acolhendo e aceitando, respeitando e considerando em fluxo contínuo, o substancialmente antitético: a luz e a sombra que assim clareia. O transcendente não é um estado por vir ou um espaço-tempo definido e fixo alhures, é o mistério da realidade e da vida, é o devir se equilibrando na intenção da prática virtuosa que, antes de ser praxe, primeiro aceita e aquiesce ao mundo como é. Configura-se então um caminho tendente à serenidade, mas é, igualmente, uma busca tendente para o real e o verdadeiro, e, por isso, uma filosofia racional e qualificada, apropriadamente sábia, e não angelical, teológica, teísta, absurda e irracional. Uma filosofia que não recorre – como faz a tradição dicotômica - complexas negações, rebuscadas e indiretas participações, criação e destruições do mundo, e outras “revelações”, que, nas suas sombras negadas, revelam seu desequilíbrio – como no tempo onde foram mais exaltadas: na idade das trevas.

O sábio grego era grego até a invasão; sábio, previa eclipses, buscava o princípio único (*arché*) no mundo sensível e inteligível, confrontava-se com os limites, enfrentava e se resignava ao mistério com poesia, arte e mitos. Depois da invasão, ocorre uma dupla

---

<sup>16</sup> Como a “ponderação” entre impulsos diversos e antitéticos; a “justiça” como capacidade de reconhecer dois lados ou dois polos, outros pontos de vista.

## Manifesto essencialista - 02

ruptura: 1) da sociedade Jônica e 2) da racionalidade humana apenas nascida, que sofre uma rachadura na sua base dialógica, natural e comunitária, uma racha imposta na força da conquista, na forma de uma suposição hipotética aplicada na razão com afirmação autoritária. Assim condicionado e dividido, o pensamento perde objetividade e lucidez, a busca de saber filosófico se torna defensiva, ocupada na tentativa de salvar um espaço de saber violado, alienado. Sócrates tenta afirmar e demonstrar que nada sabemos, confirmando e provando o mistério; surgem na *pólis* os sofistas, os céticos e os cínicos. Será o anseio de poder e domínio, ou o medo e receio da morte, da insignificância, a origem de tantas violências e extrapolações? Então Epicuro adverte “*que não se tema os deuses nem a morte que para nós nada são*”. Ora a imortalidade para fazer sentido e ser algo haveria de ser consciente – *ser enquanto ser* sem consciência de ser, ou sem poder ser consciente de ser, é um absurdo, uma miragem. Ser eternamente imóvel, imortal e consciente, igual para sempre, para sempre, para sempre, não atrai, não é objeto de desejo; havendo tanto receio da imortalidade tetricamente infinda quanto da morte, esses dois fantasmas, hipotéticos do ponto de vista existencial, se anulam, equilibram e compensam: diluindo-se a preocupação. O infinito que precedeu esta memória nascida conosco é tão escuro e insignificante para nós, entes singulares, quanto, certamente, será o infinito que virá depois: nada disso significa.

O movimento do pensamento indo da racionalidade objetiva às abstrações, extrapolando na fantasia e na imaginação, enriquecido pelas visões, intuições, é repleto de beleza, de firmeza, mas também de vicariâncias e artefatos - ainda mais depois da histórica e rude imposição hermenêutica religiosa, dualista, hipotética, antidialógica, dogmática e autoritária como um golpe de espada. Indagações: “*como o mundo seria sem a interferência do observador?*”; “*porque algo existe em vez de nada?*” e outras, são artefatos, vias sem saídas, giros fechados num labirinto. Se essa bolha parmenidiana e abstrata, repleta de unidade, como estado-hipótese imaginado e insuflado à custa de profunda meditação e concentração, existe de *per si*, como uma realidade transcendente, imaterial, uma consciência solta e perene; ou então se é epifenômeno, no apogeu da abstração e da busca psíquica: perguntas e problemas hipotéticos, imaginários, a realidade subjacente ao estado-de-ser acontece na interfase, na comunhão e união mesmo do pensamento com o ente de matéria-energia, algo não demonstravelmente separável, nunca desajuntado, a não ser numa afirmação irracional, sobrenatural e dogmática. A solução do dilema é a busca da serenidade, não está na alimentação dessas vicariâncias dicotômicas, mas sim na experiência do silêncio, no domínio e ajuste da razão na esfera do razoável sem extrapolações (olha a rosa!), no estado-de-ser agora experimentado: sossegado, magno, livre e presente. O silêncio aberto e aquiescente transcende a razão humana em sabedoria como antes anunciado. Trata-se de um nível consciencial estruturado nos potenciais do estado-de-ser, uma vivência satisfatória do absoluto e real, comunicável, transmissível, num gesto, num olhar. Um estado-de-ser

## Manifesto essencialista - 02

liberto e lúcido, de plenitude e serenidade, experienciado: a sua realidade se confirma e reconhece através da compreensão do valor de verdade num mundo impermanente. Como no gesto atribuído ao Buda, quando indagado a respeito dessas coisas da metafísica dicotômica, do além, (talvez sobre a imortalidade da alma): permaneceu em silêncio; sereno, elevou a mão mostrando uma flor. Trata-se de um estado-de-ser em si essencial, de uma essencialidade que se impõe, não se discute, mas aprecia, seissência, seidade serena: é serenidade. A sapiência filosófica é o estado-de-ser lúcido, é a visita do transcendente no ato de vir-a-ser. É um estado pleno, de lucidez, calma, ponderação, resolução e paz. É algo que se sinaliza como uma brisa, é como o ar que se respira, a luz do luar ou do sol, ou das estrelas; é o silêncio, o recolhimento, é o que se pode conhecer de bom, de belo e perfeito, é o campo no qual o ser é, e pode ser como ser. Meu nome é natureza, nela surjo e me dissolvo; ela é o meu lugar, a minha família, nela ressurjo de mil e uma formas, sempre natureza e sempre outro, renovado por inteiro: outro totalmente, mas sempre da mesma família. Nisso encontra-se a substância de todas as formas que apreendo devolvendo, integrando outras formas, de acordo com os atos da natureza que é mistério admirável, cercado de mistério. É um estado-de-ser que se comunica e se compartilha no cultivo da razão amável e respeitosa, como acontecia – e acontece - no círculo comunitário, em lugares onde se conversa nas praças, onde circula o bastão da fala, e, nas tendas, o cachimbo: apenas a partir dessas estruturas de amizade, atenção e respeito, circulares e horizontais, poderá ser instalada a paz.

### DO FUNDAMENTO IMEDIATO DA UNICIDADE E VERDADE

A unicidade de que se tem notícia em si mesmo e por si, é o referente natural dos discursos metafísicos sobre a unicidade: é o que cada um conhece sendo o que é, ou experiencia ser. A expressão mais simples e direta da verdade é dada para se ver e sentir no estado-de-ser, que é o que é, especificamente. A presença viva e imediata (você agora lendo, sentindo e sendo) concentrada e sossegada na linha virtual dos pontos neutros de todas as sensações, plenitude incidente e bem perceptível nos intervalos entre as fases da respiração, sela em consciência de ser a unicidade do ato e do substrato, da energia e matéria. É vida de verdade, diretamente acessada, irradiando do centro um leque de sentidos: os cinco grandes canais do sensório, o pensamento e o sentimento (agregado de sentidos repensados, novamente sentido e repensado).

Sem a hipotética e apriorística restrição escolástica do estado-de-ser a pensamento, o *espírito do medievo*, é evidente que o fundamento imediato, em si, da unicidade e verdade, não se identifica com o pensamento, *o ser pode ser pensativo. Cogito ergo sum*, pondo-se o forte e implícito pré-juízo entre parênteses, “*cogito ergo<sup>17</sup> sum (cogitatione)*”

---

<sup>17</sup> “Ergo” significando: logo; portanto e por consequência.

## Manifesto essencialista - 02

- penso logo sou (pensamento) - não significa, com exatidão precisa e necessária, *sou pensamento*. Sem essa limitação autorreferente incorporada e condicionada, agora posta entre parênteses, a verdade da sentença “*penso logo sou*” – intuída a implícita inexatidão do oposto *não penso, logo não sou* - explícita, na sua máxima sobriedade e retidão, ademais de *sou pensamento* e ao menos na mesma potência, a *necessidade de ser para pensar*: i.e., *para pensar devo ser*, o que, a rigor, não condiciona, nem estabelece uma *impossibilidade de ser sem pensar*. O estado-de-ser, antes de se espelhar para um exame intelectual no pensamento, é referente imediato, brota da existência: o estado-de-ser é o que constitui a essência da manifestação da existência, à qual corresponde porque ali se manifesta. Igualar o estado-de-ser ao pensamento afirmando: “*O ser é o que constitui o conteúdo da manifestação do pensamento, ao qual corresponde porque ali se manifesta*” [em 2.5 - A estrutura da metafísica tomista; *ibidem*] e “*o ser é sempre e desde sempre si mesmo e o pensamento é sempre e desde sempre a manifestação desta identidade*” [5.2.1 - O princípio da identidade; *ibidem*], denota uma semiologia atípica, significando de forma peculiar e sofisticada os pensamentos referentes ao fato de estar presente no momento existencial. Renega-se o contato íntimo com o estado-de-ser, o existente, em função dessas razões ou ideias apriorísticas – um idealismo desencarnado, pressupondo uma submissão intelectual à doutrina órfica e seus desdobramentos. Sem essa disposição doutrinária, parece absurdo e impossível que alguém possa entender o ato-de-ser como, objetivamente, apoiado em logicismo intelectual como no princípio lógico de não contradição: ser é ser absoluto porque não pode ‘ser não ser’! A verdade é que ser é vida, e ser vivo é ser. É a redução ou reabsorção ascética do estado-de-ser a *espírito pensamento* que introduz o debate “ser ou não ser”. A redução-reabsorção do ser a estatuto de pensamento justifica-se, na doutrina órfica, por permitir aparecer a verdade [antes evidência imediata, existencial, etimológica – conectando “*veritas*” a “*ver*” e realidade] como um reflexo transcendental na inteligibilidade do *espírito*, a essência virtuosa do *ser-pensamento* – e nessa concepção, ‘desce’ a bondade e os mistérios da *alma*, o corpo da vida eterna, alimentado de água benta e das graças florando no sofrimento. Mas a verdade não está nesse ideal dogmático e atemporal, neste misterioso determinismo ontológico: o “porquê do estado-de-ser”. O Olimpo, com todos os deuses, assim como o conceito jubiloso *deus absoluto, aleluia (!)*, emana dessa fonte que é ser, e o ser é si mesmo como existência, e a existência é a manifestação desta identidade vigorando na espessura do estado-de-ser, transmitindo-se e renovando-se em atos de amor, estendido ao infinito entre os limites reais e os desdobramentos hipotéticos. Os conceitos refletidos no pensamento emanam desse fundamento imediato de unicidade e verdade, do estado-de-ser em nós e por nós existindo, o que se é: gerador até mesmo do conceito “divino”, “deus”, um só com o conceito, expressão desse senso vivo, do Um. O Um emana no início como despertar, nascimento progressivo, logo como impressão de grandiosidade, depois, como imagens gloriosas de heróis, deuses e deusas: Deus, tudo o que é, *Kósmos*, ser, indivíduos, num



## Manifesto essencialista - 02

momento carregados de eternidade plena, mas efêmeros nas suas estruturas, e assim plenos e efêmeros, leves e perfeitos, na justa medida. Horizontes gloriosos transmitindo-se como rosas florando num jardim.

Antes de tudo, vem a consciência pura de si, a consciência de ser num estado definido. No espargir da consciência de ser, todas as sensações se discriminam numa escala de antíteses. Quente/frio; claro/escuro; grave/agudo; e outras: numa intensidade oscilando nos limites do discernimento, da faixa mais sutil a mais intensa: além disso, inconsciência ou sono letárgico. O significado, progressivo, surge das sinestésias que se estabelecem nessa vivência acumulada, amadurecendo na consciência do estado-de-ser, na faixa delimitada entre o nascimento e a morte. Nesse intervalo existencial, o significado se revisa, modifica e recria, ao sabor das associações. O significado surge das sinestésias na esfera da consciência e se refina numa progressão sempre mais sutil e complexa. As sensações proprioceptivas iniciais, o toque, o tato, as sensações viscerais e somáticas, harmonizam-se com cores e sons: dor aguda, dor fina, como um raio; dor profunda, escura e surda; prazer suave e alegre; prazer colorido pastel, brilhando como o reflexo da luz em arco-íris no vapor e nas gotas de chuva; prazer borbulhando como o cantar da chuva, da água rolando no leito do riacho como um ruflar de tambor. Os conceitos se estabelecem como metáforas construídas a partir das sinestésias formadoras de sentido. As sensações internas, proprioceptivas, viscerceptivas, os sentidos corporais associam-se a percepções exteroceptivas como tácteis, luminosas, acústicas: as texturas, os sons, as luzes, as cores. O som se torna o ‘som das cores’, das formas e dos sentimentos. Cores cristalinas agudas e finas, alegres, cintilantes; formas luminosas, harmoniosas, melódicas, ondulantes como o sopro suave da brisa nos galhos da acácia; sentimentos claros e precisos, bem contrastados, alegrem como a nota Sol brilhando no cantar do rouxinol. Das onomatopeias sinestésicas – o som das cores, das formas, das sensações e sentimentos, a música dos perceptíveis - surgem exclamações e, depois, palavras, ao sabor do compartilhamento das sensações. Assim nasce a linguagem: apta a expressar a verdade nos caminhos lógicos da estrutura própria e comunitária.

A identidade do estado-de-ser que se pode vivenciar na presença imediata e silenciosa [isto é nos pontos neutros e virtuais inscritos nos intervalos dos ruídos e sensações definidas] sela, hermeticamente, em consciência e estrutura a unicidade e verdade do ser-sujeito e objeto – consciência “sou-eu” (“ser-objeto” consciente) - sendo o pensamento epifenômeno reflexivo: veículo das verdades relativas a cada um. “Verdade” é a explicitação do ser é do mundo, as pessoas, os entes. O ser só é, e até provar em contrário, só pode, efetivamente, ser no mundo; a sua efetividade são os entes. Ser é si mesmo, presente, ativo, ciente, volitivo e imediato. O pensamento é o reflexo, a sombra indistinta, muitas vezes confusa, do que é. O ente é a realidade do ser, o ser se realiza no

## Manifesto essencialista - 02

ente, existindo. É essa a verdade, o mistério, a beleza, o perfeito, o justo e o bom: entre nós, a justiça, a verdade e bondade, resultam, potencialmente, do simples reconhecimento e aceitação do estado-de-ser como ele é.

### DA SEIDADE<sup>18</sup>

“Existo!”, é voz ativa e primeva da realidade existencial, fundamento indeclinável, predicado absoluto de existir, implicação imediata e inevitável - como luz é predicado absoluto de sol. Os termos, *existência/existo* agregam-se, num significado pleno, neste ensaio, denominado “eixo metafísico cosmo-existencial”<sup>19</sup>, gemando existência. Existência, como geratriz essencial de todos os sentidos, dores e prazeres, eventualmente, serenidade que se amplia à luz da razão natural, exercitada e experimentada com sabedoria. Exclamar “existo!” é equivalente a exclamar “sou!”; cada termo só é verdadeiro, significante e real, se o outro também o for. “Existo-sou” configura a essência e realidade do eixo de perspectiva filosófica “cosmo-existencial”: “existo, logo sou” é como um eco, realizando a “cosmo-existência”, ou presença, na escala que nos condiz. Existência é fenômeno acontecendo entre os planos virtuais do existir e do ser – planos hipotéticos, reificações de conceitualizações necessárias, mas inexploráveis, não testemunhados: i.e., existe-se ciente, como no pivô de uma dobradiça, articulando os planos do existir e do ser: logo, ser-existente envolve uma clivagem, indo da presença singular e concreta ao abstrato, universal e absoluto, denominado “divino”. Nesse mistério, a inteireza da intencionalidade como definida na fenomenologia - *o caráter da consciência em tender para um objeto e lhe dar um sentido*<sup>20</sup> - é realizado, radicalmente absorto no real. A intencionalidade é estrutural, função original e intrínseca, essencial, do sintagma existencial resultante da combinação *existindo-sendo-consciente*. A existência, genericamente, in totum, deve ser percebida como intencionalidade intrínseca, essencial – e é. Objeto, sentido e consciência são referências peculiares de existindo, sendo, conscientizando: o sintagma, como um todo, manifesta intencionalidade cósmica: a consciência faceta, lapida objetividade; o sentido manifesta-se em consciência objetivada; ser implica consciência de existir; a consciência de ser define o ato de existir, lapidando o estado-de-ser. Se o modo próprio de ser-humano, como dito no existencialismo e *kierkegaardianismo*, é subjetividade particular, única e individual, portanto inconvertível a generalidades, ao universal, reciprocamente,

<sup>18</sup> No pensamento de Duns Scotus (c1265-1308), heciedade, ecceidade ou ainda ipseidade significa caráter particular, individual, único, de um ente, que o distingue de todos os outros; uso o termo *seidade* (sem o haec, haecce, fem. de hic, haec, hoc - este, esta e isto) apontando na direção da antinomia dessa definição: i.e., dos caracteres universais.

<sup>19</sup> Eixo metafísico cosmo-existencial determinando um alinhamento de perspectivas filosóficas diversas da perspectiva kantiana transcendente-transcendental.

<sup>20</sup> Trata-se da definição de *intencionalidade* de acordo com Franz Brentano (em *A Psicologia de um ponto de vista empírico* - 1874), e próxima da afirmação de Husserl que os objetos dos fenômenos psíquicos independem da existência da sua réplica exata no mundo real.

## Manifesto essencialista - 02

essa unicidade e individualidade humana é irreduzível a uma restrição e delimitação de singularidade absoluta: dessa tensão dinâmica decorre a possibilidade de liberdade, a elaboração infinda do próprio estado-de-ser; mas, liberdade e elaboração abrangem maiormente no vetor da harmonização cósmica do que numa rigorosa redução ao peculiar e individual: a consciência cosmo-existencial, universal, é o destino do estado-de-ser.

Ser *H. sapiens* é exercer uma vocação determinada pela natureza; é sustentar e cultivar o que de mais raro e precioso compartilhamos: a liberdade de escolha à luz da razão natural. Cumprir essa missão é estar no lugar [ethos] de ser humano, é expressar o estado-de-ser, existir como humano. Existo, sou humano! Confrontando essa realidade, a inteligência indagadora se aproxima tanto de si que se torna unidade coincidente com seu objeto: deslizando a resposta fora das distinções e do plano racional, no momento mesmo do esclarecimento mais exato e preciso! Fenômeno, essencialmente, sempre indizível, como o negrume ultrapassando o nascer e morrer, a obscuridade incógnita residindo além do foco dos instrumentos da descoberta e do alcance das equações matemáticas. Existir é como uma serpente imensa devorando o rabo, como um casulo abrindo em borboleta, a existência assenta e enraíza em busca de recomeço como água de chuva em busca de ar, como perfume que não fixa, transmuta bem no lugar onde o preto-vira-branco, e nas pausas entre os ciclos. *Isis*, ou *Artemis*, representa melhor a magnitude da existencialidade: é desvelada por artistas, filósofos, cientistas e poetas, como uma criatura de pés nus mergulhados numa fonte, terra e água; cabelos como folhagens esvoaçantes e abrigando ninhos para águias, vegetais e animais; como uma loba regurgitando vida; o vestido é rico, como a geografia, o relevo das nações decorado de uma profusão de plantas, todos os animais com escamas, pelos e penas; como adereço, a deusa carrega, num símbolo único, duplo e complementar, uma lua prateando e um sol resplandecente. Para expressar o que é a existência humana, depois de ter exclamado e afirmado a seidade<sup>21</sup>, de ter apontado para os poetas, artistas, visionários, em busca de mitos e simbologia, torna-se necessário permanecer em silêncio reverente, ou então rodear o mistério; descrevendo predicados peculiares, os mais típicos, acontecendo nas tensões manifestas no pivô da dobradiça.

### DA VERDADE E BONDADE

A verdade é a afirmação processual do existente a partir dessa consciência de assim ser: nessa circunstância, assim sendo, o que fazer e como agir, a quem (ou a que) dedicar o ato de ser e a vontade de viver? A busca da melhor opção a partir desse *ethos* imediato,

---

<sup>21</sup> No pensamento de Duns Scotus (c1265-1308), *ecceidade*, ou *ipseidade*, significa caráter particular, individual, único, de um ente, que o distingue de todos os outros; uso o termo *seidade* (sem o *haec*, *haecce*, fem. de *hic*, *haec*, *hoc* - este, esta e isto) apontando na direção da antinomia dessa definição: i.e., dos caracteres universais.

## Manifesto essencialista - 02

dessa unicidade estrutural dada a ser, da verdade do estado-de-ser, é o desenho da ética. A melhor opção, a mais inteligente é a prática da bondade: a prática viva da bondade é a ética. Resulta em aceitar e reconhecer como sendo *bom* o que se dá-a-ser, o que é. *O que é, é bom: isso é bondade*. Bondade é uma distinção, uma afirmação processual positiva em relação ao estado-de-ser. Escolher de outra forma não é inteligente: elevam-se vapores de angústia. Superar a angústia contraída antes das escolhas próprias e vicejante nas sociedades estratificadas sem perspectiva filosófica, é uma arte. É a arte que ensina a filosofia: atravessar as memórias, até o centro, aceitando, superando, dissolvendo, perdendo, transmutando, e no fim, sossegando, estar-e-ser simplesmente, achando bom, caminhando na espessura do vir-a-ser em busca da bondade, e achando. A existência contingente e mutável ocorre a partir de um estado-de-ser onde para se ver é dado e conotado, na parte que nos condiz, o que de si mesmo se revisa, se pensa, afirma e conduz – a verdade.

Não há predominância normativa, nem dominância alguma, na ética, nas discriminações qualitativas, na *estética da ética*, apenas escolha: harmonização da vontade e razão com o senso de bom, de belo e de bem. O finito se reveste de infinito à luz natural da razão atenta, abstrata e imaginativa: a trama do conhecimento se dissolve no horizonte - no jardim, flores brilhando como diamantes, uma tiara no domo celestial. O ser que existe realiza-se no ente, qualifica-se no sentimento e expande-se no pensamento, espargindo estado-de-ser até o infinito. Não há nenhuma obediência categórica na ética verdadeira: apenas um poder emanado de uma escolha livre de ser. Obter por não fazer o que se obriga a fazer ou cumprir é, primariamente, simples ‘desobediência’ - e não, necessariamente, “carência de ética”. Se a ética – no sentido profundo acima definido: como melhor boa vontade e inteligência no contexto do estado-de-ser – pode ser dita “obediência”, só pode ser obediência ao livre, meditado e próprio compromisso; i.e., boa vontade. Manter-se íntegro, uno, verdadeiro e bom é manter-se fiel a si mesmo quando bem se entende, acolhe e ampara o essencial nos braços da sabedoria. O ser humano incapaz de ver as coisas *sub specie aeternitatis* carece de imaginação: na mãe natureza mergulha o ato-de-ser que renasce diverso do que foi, outro, e morre, e de novo mergulha, num ciclo sem fim de estado-de-ser, de unidade e alteridade: a rosa desabrocha botões no ar e despeja folhas murchas e sementes ao chão, sem jamais cessar, e sem razão outra do que manter o estado-de-ser puro como uma mata, uma floresta amazônica, perfumado e sublime. A passagem da inocência à maioridade implica chegar ao centro da floresta, conhecer a si mesmo, provar as frutas brotando de si, e escolher o melhor, o belo, o bom e o bem dos filósofos, livremente, por pura inteligência e clareza, à luz da razão natural. Usar a razão para se convencer, crer, contra a razão, que o magnífico é alhures, e não no centro do estado-de-ser onde primeiro se apresenta, revela e conhece, antes de começar a significar o mundo e a si mesmo, cogitando a natureza do mistério, é ser irracional exponencialmente: é condenar-se a

## Manifesto essencialista - 02

achar que “o saber perde o homem e salva a ignorância”. Ignorância como ofuscada obediência: haverá resgate para tal desvio? Só o milagre da arte e do entendimento filosófico.

### DA SIMPLICIDADE

*Recomende e exemplifique uma natureza filosófica e serena e faça como quiser: estará sendo simplesmente da melhor maneira possível nas circunstâncias dadas; ser simplesmente, da melhor maneira possível, nas circunstâncias dadas, é bem ser.*

“Ser” é potência criadora. Até onde se pode supor à luz da razão natural, a potência criadora é a natureza universal. O Universo, o Cosmo, na sua insondável totalidade, se compreende como sujeito absoluto e incausado e, assim sendo, não pode ser atribuído, *in totum*, de finalidade ou objetivo. Mas no âmbito das nossas escalas e medidas, pontuações e valores, tudo o que se discrimina é finito, efêmero e apto a suportar percepções relativas de origens e fins. Assim sendo, o Ser Universo é um conjunto aberto, absoluto e indefinido, de parcialidades relativas e efêmeras; logo, à luz das nossas compreensões: ser é essencialmente paradoxal e inefável. Não imagino nada mais geral e significativo a ser dito. A indagação “*qual a finalidade do Ser?*” surge a partir de um estado-de-ser experimentável. Problematiza-se o conceito de “finalidade” no surgimento da consciência de ser. Ao *Ser* corresponde um estado senciente necessário; um estado-de-ser. A consciência de ser depende de um estado-de-ser definido. Apesar da dificuldade, o surgimento de uma conceituação finalista parece inevitável: surge nos mecanismos da consciência e da razão. Por que e para que, com que fim eu sou; estando nesse estado ‘x’ de ser? “Eu sou para nada!”; “eu sou para tudo!”: não são respostas aceitáveis. ‘Nada’ e ‘tudo’ tolhem efetivamente o ato de ser gerando um antagonismo, uma contradição ao que se manifesta como sendo parte relativa e atuante de uma totalidade. “Qual a finalidade de ser?” é pergunta exigindo resposta não demasiadamente relativa para não ser absolutamente insatisfatória; nem tampouco ‘nada’ ou ‘tudo’ para não ser insignificante. A resposta deve estar em harmonia com o estado-de-ser, sem preocupação recursiva nem antagonismos: a finalidade de ser é *ser simplesmente*; algo não necessariamente fácil para quem é consciente de ser, exigindo uma aceitação constante permeando em paralelo todos os detalhes contingentes e eventualidades do estado-de-ser: uma fluidez aceitadora constante, antecedente à vontade e optatividade típicas do ato de ser. Apenas a partir de uma base existencial constante e firme de aceitação precedente e incondicional pode-se “ser simplesmente”. A partir dessa base, pode-se modular opções de atividades sem antagonismos retroativos, exercitando um modo direcional em linha e com o fluxo da vivência se desdobrando no estado-de-ser - fluindo.

### EXEMPLIFICAÇÃO ESTÉTICA DA TEORIA DO SER SIMPLES

A harmonia estética da natureza é fascinante: a força simbólica de uma flor é espantosa. Ainda criança, avistei um lírio azul com listras amarelas na conjunção central das pétalas, desenhadas como raios de sol; a florada mais elevada nos ramalhetes, além, o céu azul e o sol dourado: foi quando a visão floral empossou-se de majestade universal; como se um parafuso parafusasse uma espiral sem fim, indo do menor ao maior igualmente infinito. Tranquilizar-se e repousar nessa vivência simbólica, abstrata e imaginativa, fascina e induz como um sono que não chega, uma lucidez ampliada na qual surge um intervalo ou oscilação na consciência vibrando entre um acordar e um adormecer: é quando se regressa sem saber se houve ressurgência ou simples despertar; volta-se a enxergar uma flor destinada a murchar e renascer: a mesma flor, porém diversa, absolutamente venerável? Por que estaria saindo e voltando para casa; todos os dias acordando e dormindo, como um florilégio, abrindo e fechando, nascendo e murchando, renascendo; cantando e silenciando junto com a passarada; anoitecendo e raiando todos os dias: para quê? Com que fim? Ressurgindo a cada dia; há quanto tempo; por quanto tempo?

É insano correr agitado na tentativa de conservar o foco estreito, fugindo da visão que pondera o absoluto e relativiza a importância do estado e do momento no qual se vive. É insano porque nega o fluxo do ser; uma negação levando a um conservadorismo apavorado, um estado de luta e guerra contra o que é necessariamente fluido e passageiro na amplitude universal: é antagonizar o estado-de-ser. O comando sempiterno da Natureza “criar, sustentar, renovar” não é só sustentar. Por outro lado, ficar quieto - suspenso e suspiroso, em espanto - esperando passar sem interagir nem participar, imobiliza, obnubila: fuga quietista, apatia, outra forma, tangente ou perpendicular, de antagonismo, de oposição, é uma tenaz recusa da existência que não se executa. Não se inquietar é justamente continuar atendendo às necessidades, eventualidades e detalhes contingentes ou suscitados pelo estado-de-ser, numa fluidez aceitadora constante e corrente: criativa. A melhor ação deve estar em harmonia com o estado-de-ser sem preocupação recursiva nem antagonismos. A partir dessa base pode se modular opções de atividades sem incompatibilidade, exercitando um modo direcional em linha e com o fluxo da vivência se desdobrando no estado-de-ser. Ser criativo é aceitar testemunhar o estado-de-ser sem medo nem pavor: tranquilo, eufímico. Ser simplesmente é uma disciplina que parece com a prática de certos filósofos. Dorme-se o suficiente; acorda-se ativo, trabalhando de acordo com o que for necessário, concentrado, assentando e

## Manifesto essencialista - 02

repousando silencioso. Olha-se uma flor ou outra; tocando; cheirando; apreciando. Desfruta-se o que tiver sido preparado; renovando as forças e a vida. Assim, se atende simplesmente ao estado-de-ser como é e parece querer ser, o que não impede a realização de um projeto: com bondade, fazendo sentido, respeitando o mistério do estado-de-ser – sem perturbar.

É certamente mais fácil ser cultivando a luz da razão natural e a prática da virtude num jardim epicurista ou num mosteiro Zen do que numa sociedade insana onde tudo torna-se recurso para não sentir e reconhecer a natureza. Onde pessoas são alugadas como se fossem instrumentos geradores de lucros; e o lucro investido para se proteger e distrair do reconhecimento evidente que só se pode ser agora, junto, em harmonia, e nunca no futuro depois do rendimento das poupanças. O âmbito societário geral não é essencialmente insano por ser orientado em busca de benefício próprio; é insano porque é dirigido em busca de lucro insensato dedicado e acumulado no intuito de resguardar de saber e ver o que é *ser simplesmente*. Uma busca de lucro sem fim para alimentar uma angústia sem fim: medo e pavor de ser, um agitar insano destinado a terminar num desastre. Ser numa sociedade insana exige reunir e somar cuidados e sabedoria das escolas antigas, como as de Buda, Sêneca, Epíteto, Epicuro, Plotino e outras. Manter-se distante, na orla dos campos, das florestas ou das águas, diferenciar o natural e necessário do que não é; saber o que está em seu poder e o que não está. Manter-se sereno, apesar dos abusos constantes e das exigências dos que querem controlar em nome de todos. Saber quando serenar e deixar rolar os abusos dos fiscais controladores e dos controladores dos fiscais; reconhecer quando se organizar e agir no intuito de amenizar o distúrbio. Experimente recomendar e exemplificar uma natureza filosófica serena, e faça como quiser: estarás sendo simplesmente da melhor maneira possível nas circunstâncias dadas: ser simplesmente, da melhor maneira possível, nas circunstâncias dadas, é bem ser.

### DA IDENTIDADE ORIGINAL

Se o Universo é um sistema autopoietico, criativo, inelidível, existindo essencialmente, aparentando não ter origem além da sua própria identidade, agente supremo, fonte de toda atividade e determinação; princípio fundador de todo o conhecimento, em processo de transformação perene, equacionando uma conformação disposta entre dois subconjuntos de funções contraditórias, opositivas e complementárias: ele não pode - por definição -, ser sujeito a motivos, razões e causas, exógenos, ou diversos, dos inerentes à sua própria natureza – necessitando, nesse caso, existindo o conceito, ser reconhecido como *divino*: Universo Divino portador e autor de todos os potenciais.

## Manifesto essencialista - 02

O que no Universo é dado a existir há de ser impregnado da mesma identidade e natureza, da mesma deidade. Confirmando a intuição essencialista: a minha identidade é a minha origem. Despertei, mergulhado na minha vida, estado-de-ser evoluindo; logo, tomei consciência de estar tensionado entre estímulos, desejos e opções polares - havia frio e calor, prazer e dor, dúvidas e incertezas. A capacidade de conjecturar e projetar abstrações universais leva a intuir e imediatamente conhecer - sem saber, adequadamente, explicar - que, imerso em variações e mudanças, integra-se um fenômeno existencial acenando plenitude e perfeição. Em vivências míticas e arquetípicas, dissolve-se a individualidade em unidade e imutabilidade paradoxal, onipresente, por um tempo, sente-se a força universal. Nos momentos de maior exaltação, como uma seta no arco da consciência, sentimo-nos capazes de revestir o conhecido-imediato, de um magnífico manto de palavras e versos. Compreende-se ser um processo em transformação perene, equacionado - esmagado como massa de pão - em uma conformação disposta entre dois subconjuntos de funções contraditórias - opositivas e complementárias: voltagens geradoras de ordem e desordem, criação e destruição. Apesar dessa ambivalência fundante, vacilante, reconhece-se, por um momento, ser a fundação do seu conhecimento - utilizando a arte de pôr tudo entre parênteses, escolhem-se fontes e caminhos: o que apreender e assimilar, a que expor-se. É possível superar os mitos e fundamentos transmitidos, introjetados na infância; sendo necessário e adequado, gerenciar as raízes mais profundas da cultura. Ser fundador relativo dos seus próprios motivos, das razões e causas referentes à sua própria história, significa, antes de tudo, atravessar esses motivos e funções universais, ambivalentes e contraditórios, opositivos e complementários. Equilibrando-me entre ordem e desordem, criação e destruição, liberdade e determinação, julgo mais sensato optar e apostar, antes de tudo, pela máxima criatividade: ordens criativas e desordens criativas são mais vivenciáveis e amenas do que ordens e desordens rígidas, ultimamente destrutivas; porém o assunto é complexo, o que parece ser uma ordem criativa, resulta, algumas vezes, em desordem destrutiva, e o que aparenta ser uma desordem criativa, esconde, com frequência, uma ordem rígida e destrutiva. Ser capaz de sobrepor, sempre, mais alguma fração de criatividade, bom senso e virtudes, acima das determinações ambíguas, exige força e talentos especiais, no momento, até raros - e no arremate, como, talvez, diria Górgias: "Tudo, para nada".

Enigma inexplicável,  
Sem transcendência demarcada;  
Lamentos angustiosos jorram  
Como apocalipses perpassando elísios

Amiseração alegórica de mutantes,  
Acontecendo nos mistérios do Kósmos;



## Manifesto essencialista - 02

“Oh liberdade, escrevo teu nome”,  
Traspassando as lamentações.

RB/ Aldeia, Pernambuco, Dez. 2008

### ANEXO - EXEMPLIFICAÇÃO CRÍTICA DOS ARGUMENTOS TOMISTAS

Sendo o estudo metafísico tomista um avanço travado e fastidioso, exigindo ato contínuo de prudência e atenção no sentido de prevenir o tropeço do pensamento pelas aberturas dessa *divisão relativa do ser*, limito-me a exemplificar a crítica utilizando trechos fortemente representativos e típicos, suficientemente esclarecedores, escolhidos do livro: *Molinaro, Aniceto; Metafísica - curso sistemático - Paulus Editora*. Aniceto Molinaro é, igualmente, autor do livro “Léxico de Metafísica”, na mesma editora.

Primeiro trecho:

*“A ideia de ser significa o ser, todo o ser, cada ser. Porque a ideia de ser exclui só o nada e, portanto, inclui tudo o que é, porque é e enquanto é, esta inclusão universal implica que o seu significar seja abstrato: a ideia de ser é abstrata”*. [2.2.2 significado da ideia de ser; em *Metafísica: Curso Sistemático* por Aniceto Molinaro].

Segundo trecho:

*“Nesse sentido, a ideia de ser possui uma extensão ilimitada, ao ponto que se deve dizer que ela vale pela experiência e além da experiência. Este ‘além’ não se entende no sentido de afirmar alguma coisa sem o suporte da experiência, mas no sentido que a experiência não exaure o âmbito do ser, não o delimita. O que se apresenta na experiência deve ser afirmado como ser. Mas esta afirmação é tal que ela não é desmentida quando o que está presente na experiência cessa de estar presente; a presença na experiência não delimita o ser daquilo que está presente: nem no sentido de que a presença seja tudo ou o tudo do ser, e nem mesmo no sentido de que se deva excluir o ser, cuja presença é indireta ou mediata; por exemplo: Deus deve se demonstrar existente; ele não entra no âmbito da nossa experiência: demonstrar sua existência significa demonstrar o seu ser como transcendente à experiência”*. [2.2.3 transcendentalidade da ideia de ser; *ibidem*].

O primeiro trecho confunde e torna equivalente os conceitos ‘ente’ e ‘ser’ – que antes, quando nas premissas ainda conveniente, eram tratados como diferentes. “*A ideia de ser significa: 1) o ser, 2) todo o ser, 3) cada ser*” mostra que para introduzir essa fratura conceitual do ser com

## Manifesto essencialista - 02

algum realismo aparente, torna-se necessário que se ponha em segundo plano, longe do alcance da atenção, o plano-conceito ‘*ser tudo*’ como abstração, e em primeiro plano o conceito que ‘*ser: é cada ser*’: i.e., o que antes era ‘ser’ torna-se agora ‘ente’ (cada ser) embora sempre dito ‘ser’. Caso não fosse dessa forma, os adjetivos e pronomes [o], [tudo] e [cada] não condicionariam o substantivo ‘ser’ que permaneceria sinônimo de ‘*ser absoluto*’ por definição, tornando impossível brotar esse muito desejado e salvador conceito divisório “supraessencial” do ‘ente como ser’, introduzido na expressão ‘cada ser’. Outras manobras semelhantes passando do emprego do termo ‘ser’ (0 ser) como substantivo para o termo ‘ser’ como verbo permitem passar do plano existencial ao “plano do ato divinal”.

A segunda frase desse mesmo trecho informa que “*a ideia de ser exclui só o nada e, portanto, inclui 1) tudo o que é, 2) porque é e enquanto é*”; desta feita o plano-conceitual referente aos pensamentos, explicações e circunstâncias [evocados pelos ‘porquês’ e ‘enquanto’], passa a se confundir e fazer parte do conceito de ‘ser’, com tom de absoluto, junto com o plano conceitual referente ao que imediatamente se percebe, o plano do ‘é’, do ‘ser’ como ‘existente’ propriamente dito. Portanto, ocorre a fusão retórica de dois planos intelectuais (inteligível e sensível) fornecendo mais uma estaca necessária à construção e defesa do desejado ‘conceito divisório supraessencial’.

Em relação ao segundo trecho, destaco uma flagrante contradição concentrada em duas frases aqui justapostas: “este ‘além’ (a ideia de ‘ser’ possuindo extensão ilimitada; valendo pela experiência e além da experiência) *não se entende no sentido de afirmar alguma coisa sem o suporte da experiência [...] Deus deve se demonstrar existente; ele não entra no âmbito da nossa experiência*”. O não-senso é inicialmente construído confundindo uma ideia de unificação abstrata como ‘ideia de totalidade’, (este ‘além’), com o conceito de existente como ‘presente mutante’. Confundem-se dois conceitos: um se referindo ao ‘ilimitado como totalidade’ e o outro ao ‘ilimitado como infinita mutabilidade’. De fato a ‘experiência’ não exaure o âmbito do ‘ser’ com extensões ilimitadas, teoricamente experimentáveis, isto é, não o delimita nos confins do infinito nem da mutabilidade, da impermanência. Mas, não significa que o âmbito de ‘ser’ se expande em campos essencialmente avessos ao suporte da experiência (i.e., expandindo-se em outra natureza contextual dita ‘supraessencial’). A verdade rigorosa sendo: que o conceito de “ser” se expande em contextos “supraexistenciais” hipotéticos, em relação ao “ente-pessoa” discursando e pensando. Nessa metafísica, o relativo ao que está “além dos limites próprios do ente-pessoa”, no espaço-tempo presente, se confunde com algo “supraessencial”, postulado como existir além dos limites experimentáveis possíveis ou concebíveis na totalidade dos atos de ser como ente. Em outras palavras, uma noção histórica de impermanência e mutabilidade é elevada e convertida no imaginário dogmático como apontando um além sobrenatural. O que pode hipoteticamente existir: 1) além dos limites experimentáveis possíveis do ato de ser como ente é afirmado; 2) como necessitando ser “supra-essencial” – ou “sobrenatural”; 3) sem argumentação

## Manifesto essencialista - 02

válida. A hipotética possibilidade de estados alheios, inefáveis e radicalmente fora das possibilidades de um âmbito experiencial natural, não justifica ou demonstra a existência de realidades “supraessenciais” envolvendo os conceitos teístas - de deuses ou deusas desta ou daquela religião. RB/.